Bhagavad

Gītā

Retirada de O Mahābhārata de Kṛṣṇa-Dvaipāyana Vyāsa,
Livro 6: Bhīṣma Parva, capítulos 25 a 42.
Traduzida para Prosa Inglesa do Texto Sânscrito Original
por Kisari Mohan Ganguli [1883-1896]

Traduzida para o Português por Eleonora Meier.

Capítulos

1. *arjunaviṣādayogaḥ* - O Desânimo de Arjuna.

Dhṛtarāṣṭra disse, "Reunidos na planície sagrada de Kurukṣetra pelo desejo de lutar, o que os meus filhos e os Pāṇḍavas fizeram, ó Sañjaya?"

"Sañjaya disse, ‘Vendo o exército dos Pāṇḍavas em formação de combate, o rei Duryodhana, aproximando-se do preceptor (Droṇa) disse estas palavras: ‘Vê, ó preceptor, este vasto exército do filho de Pāṇḍu, organizado pelo filho de Drupada (Dhṛṣṭadyumna), teu discípulo inteligente. Lá (naquele exército) há muitos arqueiros corajosos e poderosos, que em batalha são iguais a Bhīma e Arjuna. (Eles são) Yuyudhāna, e Virāṭa, e aquele poderoso guerreiro em carro Drupada, e Dhṛṣṭaketu, e Cekitāna, e o soberano de Kāśi dotado de grande energia; e Purujit, e Kuntibhoja, e Śaibya aquele touro entre homens; e Yudhāmanyu de grande coragem, e Uttamaujas de grande energia; e o filho de Subhadrā, e os filhos de Draupadī, todos os quais são fortes guerreiros em carros. Ouve, no entanto, ó melhor dos regenerados, quem são os eminentes entre nós, os líderes do exército. Eu os citarei para ti para (a tua) informação. (Eles são) tu mesmo, e Bhīṣma e Karṇa, e Kṛpa que é sempre vitorioso; e Aśvatthāman e Vikarṇa, e Saumadatta, e Jayadratha. Além desses há muitos guerreiros heroicos, dispostos a sacrificar suas vidas por mim, armados com diversos tipos de armas, e todos habilidosos em batalha. O nosso exército, no entanto, protegido por Bhīṣma, é insuficiente. Essa tropa, no entanto, desses (os Pāṇḍavas), protegida por Bhīma, é suficiente. Posicionando-se então nas entradas das divisões que lhes foram atribuídas, todos vocês protejam Bhīṣma somente.’ (Exatamente nesse momento) o valente e venerável avô dos Kurus, proporcionando grande alegria a ele (Duryodhana) por proferir ruidosamente um rugido leonino, soprou (sua) concha. Então conchas e baterias e pratos e chifres foram soados imediatamente e o barulho (feito) tornou-se um tumulto alto. Então Mādhava e o filho de Pāṇḍu (Arjuna), ambos posicionados sobre um carro magnífico ao qual estavam unidos corcéis brancos, sopraram suas conchas celestes. E Hṛṣīkeśa soprou (a concha chamada) Pāñcajanya (Gigantea) e Dhanaṃjaya [Dhanañjaya] (aquela chamada) Devadatta (Theodotes); e Vṛkodara de feitos terríveis soprou a concha enorme (chamada) Pauṇḍra (Arundinca). E o filho de Kuntī, o rei Yudhiṣṭhira, soprou (a concha chamada) Anañtavijaya (Triumpphatrix); enquanto Nakula e Sahadeva, (as conchas chamadas respectivamente) Sughoṣa (Dulcisona) e Maṇipuṣpaka (Gemmiflora). E aquele arqueiro esplêndido, o soberano de Kāśi, e aquele poderoso guerreiro em carro, Śikhaṇḍin, Dhṛṣṭadyumna, Virāṭa, e o invicto Sātyaki, e Drupada, e os filhos de Draupadī, e o poderosamente armado filho de Subhadra, todos esses, ó senhor da terra, respectivamente sopraram suas conchas. E aquele clangor, reverberando ruidosamente pelo céu e pela terra, despedaçou os corações dos Dhārtarāṣṭras. Então vendo as tropas de Dhārtarāṣṭra alinhadas, o filho de estandarte de macaco de Pāṇḍu, erguendo seu arco, quando o lançamento de projéteis apenas tinha começado, disse estas palavras, ó senhor da terra, para Hṛṣīkeśa (o senhor dos sentidos).

Arjuna disse, 'Ó tu que não conheces deterioração, coloca o meu carro (uma vez) entre os dois exércitos, para que eu possa observar esses que estão aqui desejosos de combate, e com quem eu terei que lutar nos labores deste conflito. Eu observarei aqueles que estão reunidos aqui e que estão

preparados para lutar fazendo o que é agradável em batalha para o filho de mente má de Dhṛtarāṣṭra.'"

Sañjaya continuou, "Assim abordado por Guḍākeśa, ó Bhārata, Hṛṣīkeśa, colocando aquele carro excelente no meio dos dois exércitos, na vista de Bhīṣma e Droṇa e de todos os reis da terra, disse, 'Observa, ó Pārtha, esses Kurus reunidos.' E lá o filho de Pṛthā viu, posicionados, (seus) progenitores e netos, e amigos, e sogro e benquerentes, em ambos os exércitos. Vendo todos aqueles parentes posicionados (lá), o filho de Kuntī, possuído por extrema compaixão, desanimadamente disse (estas palavras)."

"Arjuna disse, 'Vendo esses parentes, ó Kṛṣṇa, reunidos e ávidos pela luta, meus membros ficam lânguidos, e minha boca fica seca. Meu corpo treme, e meus cabelos se arrepiam. O Gāṇḍīva desliza da minha mão, e minha pele queima. Eu não posso aguentar (mais); a minha mente parece vagar. Eu vejo presságios adversos também, ó Keśava. Eu não desejo vitória, ó Kṛṣṇa, nem soberania, nem prazeres. De que utilidade a soberania seria para nós, ó Govinda, ou prazeres, ou mesmo a vida, uma vez que aqueles, por cuja causa soberania, divertimentos e prazeres são desejados por nós, estão aqui organizados para lutar preparados para abandonar vida e riqueza, isto é, preceptores, progenitores, filhos e avôs, tios maternos, sogros, netos, cunhados, e amigos? Eu não desejo matá-los embora eles me matem, ó matador de Madhu, nem pela soberania dos três mundos, quanto mais então por causa (dessa) terra! Que satisfação pode ser nossa, ó Janārdana, por matar os Dhārtarāṣṭras? Mesmo que eles sejam considerados como inimigos, o pecado nos colherá se nós os matarmos. Portanto, não cabe a nós matar os filhos de Dhṛtarāṣṭra que são nossos próprios parentes. Como, ó Mādhava, nós poderíamos ser felizes por matar nossos próprios parentes? Mesmo que eles, com raciocínio pervertido pela avareza, não vejam o mal que resulta do extermínio de uma família, e o pecado de rixas mutuamente destrutivas, por que nós, ó Janārdana, que vemos os males do extermínio de uma linhagem, não deveríamos nos abster desse pecado? Uma linhagem sendo destruída, os costumes eternos daquela linhagem são perdidos; e após aqueles costumes serem perdidos o pecado domina a linhagem inteira. Por causa da predominância do pecado, ó Kṛṣṇa, as mulheres daquela linhagem se tornam corruptas. E as mulheres tornando-se corruptas, uma mistura de castas acontece, ó descendente de Vṛṣṇi. Essa mistura de castas leva para o inferno o destruidor da linhagem e a própria linhagem. Os ancestrais deles caem (do céu), seus ritos de piṇḍa e água cessando. Por esses pecados de destruidores de raças, que causam mistura de castas, as regras de casta e os ritos eternos de famílias se tornam extintos. Nós temos ouvido, ó Janārdana, que homens cujos ritos familiares se tornam extintos sempre residem no inferno. Ai, nós decidimos cometer um grande pecado, pois estamos preparados para matar os nossos próprios parentes por cobiça das doçuras da soberania. Seria melhor para mim se os filhos de Dhṛtarāṣṭra, armas nas mãos, me matassem em batalha, (eu mesmo) desarmado não reagindo.'"

Sañjaya continuou, "Tendo falado dessa maneira no campo de batalha, Arjuna, sua mente atormentada pela aflição, jogando de lado seu arco e flechas, sentou-se em seu carro."

[Aqui termina a primeira lição intitulada "Avaliação das Tropas" (ou A Aflição de Arjuna), no diálogo entre Kṛṣṇa e Arjuna da Bhagavadgītā, a essência da religião, do conhecimento de Brahma, e do sistema de Yoga, contido dentro do Bhīṣmaparvan do Mahābhārata de Vyāsa que contém cem mil versos.]

2. *sāṃkhyayogaḥ* – A Verdadeira Natureza do Espírito.

Sañjaya disse, "Para ele assim cheio de compaixão, seus olhos cheios e oprimidos por lágrimas, e desanimando, o matador de Madhu disse estas palavras."

O Santo disse, "De onde, ó Arjuna, vem sobre ti, em tal crise, esse desânimo que é impróprio em uma pessoa de nascimento nobre, que exclui uma pessoa do céu, e é produtivo de infâmia? Que nenhuma afeminação seja tua, ó filho de Kuntī. Isso não te fica bem. Livrando-te dessa vil fraqueza de coração, levanta, ó castigador de inimigos."

Arjuna disse, "Como, ó matador de Madhu, eu posso lutar com flechas em batalha contra Bhīṣma e Droṇa, dignos como eles são, ó matador de inimigos, de veneração? Sem matar (os próprios) preceptores de grande glória, é certo (para uma pessoa), viver até de esmolas neste mundo. Por matar preceptores, mesmo que eles sejam cobiçosos de riqueza, eu somente desfrutaria de prazeres que estariam manchados por sangue! Nós não sabemos qual dos dois é de maior importância para nós, isto é, se nós devemos vencê-los ou eles devem nos vencer. Por matar a quem nós não gostaríamos de viver, eles mesmos, os filhos de Dhṛtarāṣṭra, estão diante (de nós). Minha natureza afetada pela mácula da compaixão, minha mente incerta sobre (meu) dever, eu te peço, dize-me o que é seguramente bom (para mim). Eu sou teu discípulo. Ó, instrui-me, eu busco o teu auxílio. Eu não vejo (aquilo) que possa dissipar essa minha aflição (que está) destruindo a minha própria razão, mesmo que eu obtenha um reino próspero sobre a terra sem um inimigo ou a própria soberania dos deuses.'”

Sañjaya disse, “Tendo dito isso para Hṛṣīkeśa, aquele castigador de inimigos, Guḍākeśa, (mais uma vez) dirigiu-se a Govinda, dizendo, 'Eu não lutarei,' e então ficou silencioso. Para ele tomado pelo desânimo, Hṛṣīkeśa, no meio dos dois exércitos, falou.”

"O Santo disse, 'Tu lamentas aqueles que não merecem ser lamentados. Tu falaste também as palavras dos (assim chamados) sábios. Aqueles, no entanto, que são (realmente) sábios, não se afligem nem pelos mortos nem pelos vivos. Não é que eu ou tu ou aqueles soberanos de homens nunca existimos, ou que todos nós não existiremos futuramente. Com relação a um ser incorporado, assim como infância, juventude, e velhice existem neste corpo, assim (também) existe a aquisição de outro corpo. O homem que é sábio nunca é iludido nisso. Os contatos dos sentidos com seus (respectivos) objetos, produzindo (as sensações de) calor e frio, prazer e dor não são

permanentes, tendo (como têm,) um início e um fim. Ó Bhārata, resiste a eles. Pois o homem a quem esses não afligem, ó touro entre homens, que é o mesmo no prazer e na dor e que é de mente firme está preparado para a emancipação. Não há existência (objetiva) de algo que seja distinto da alma; nem não-existência de algo que possua as virtudes da alma. Essa conclusão em relação a ambas foi alcançada por aqueles que conhecem as verdades (das coisas). Saiba que é imortal [a alma] pela qual todo este [universo] é permeado. Ninguém pode realizar a destruição daquilo que é imperecível. É dito que aqueles corpos da (Alma) incorporada que é eterna, indestrutível e infinita, têm um fim. Portanto, luta, ó Bhārata. Aquele que pensa que (a alma) é a matadora e aquele que pensa que ela é morta, ambos não sabem nada; pois ela nem mata nem é morta. Ela nunca nasce, nem morre; nem, tendo existido, não existirá mais. Não nascida, imutável, eterna, e antiga, ela não morre após o corpo ter perecido. Aquele homem que sabe que ela é indestrutível, imutável, sem decadência, como e quem ele pode matar ou fazer ser morto? Como um homem, rejeitando mantos que estão gastos pelo uso, coloca outros que são novos, assim a (Alma) incorporada, abandonando corpos que estão gastos, entra em outros corpos que são novos. Armas não a perfuram, fogo não a consome; as águas não a encharcam, nem o vento a dissipa. Ela não pode ser cortada, queimada, encharcada, ou secada. Ela é imutável, permeia tudo, é estável, firme, e eterna. É dito que ela é imperceptível, inconcebível e inalterável. Portanto, sabendo que ela é assim, não cabe a ti lamentar (por ela). Então, além disso, mesmo se tu a considerasses como constantemente nascida e constantemente morta, ainda não te caberia, ó de braços fortes, lamentar (por ela) dessa maneira. Pois, de alguém que é nascido, a morte é certa; e de alguém que está morto, o nascimento é certo. Portanto, não cabe a ti lamentar em uma questão que é inevitável. Todos os seres (antes do nascimento) eram imanifestos. Somente durante um intervalo (entre nascimento e morte), ó Bhārata, eles se manifestam; e então novamente, quando a morte vem, eles se tornam (mais uma vez) imanifestos. Que tristeza então há nisso? Uma pessoa a considera como um maravilha; outra fala dela como uma maravilha. Contudo mesmo depois de ter ouvido sobre ela, ninguém a compreende realmente. A (Alma) incorporada, ó Bhārata, é sempre indestrutível no corpo de todos. Portanto, não cabe a ti lamentar por todas (aquelas) criaturas. Lançando o teu olhar nos deveres (prescritos) da tua classe, não cabe a ti vacilar, pois não há nada melhor para um kṣatriya do que uma batalha lutada de modo justo. Chegada por si mesma e (como) um portão aberto do céu, felizes são aqueles kṣatriyas, ó Pārtha, que obtêm tal luta. Mas se tu não lutares tal batalha justa, tu então incorrerás em pecado por abandonar os deveres da tua classe e tua fama. O povo então proclamará a tua infâmia eterna, e para alguém que é considerado com respeito, a infâmia é maior (como um mal) do que a própria morte. Todos os grandes guerreiros em carros te considerarão como te abstendo da batalha por medo, e tu serás pouco considerado por aqueles que tinham (até agora) te estimado muito. Teus inimigos, depreciando a tua coragem, dirão muitas palavras que não devem ser ditas. O que pode ser mais doloroso do que isso? Morto, tu alcançarás o céu; ou, vitorioso, tu desfrutarás a Terra. Portanto, levanta, ó filho de Kuntī, decidido pela batalha. Considerando prazer e dor, lucro e perda, vitória e derrota, como iguais, luta por causa da batalha e o pecado não será teu. Esse conhecimento, que foi comunicado a ti, é (ensinado) no (sistema) Sāṃkhya. Escuta agora

aquele (inculcado) no (sistema) Yoga. Possuidor daquele conhecimento, tu, ó Pārtha, rejeitarás os vínculos da ação. Neste (sistema Yoga) não há desperdício nem da primeira tentativa. Não há impedimentos. Mesmo um pouco dessa (forma de) devoção liberta de grande temor. Aqui nesse caminho, ó filho de Kuru, há somente um estado mental, consistindo em firme devoção (a um objetivo, isto é, assegurar a emancipação). As mentes daqueles, no entanto, que não estão firmemente dedicados (a isso), são muito ramificadas (instáveis) e ligadas a ocupações intermináveis. Aquela conversa floreada que aqueles que são ignorantes, que se deleitam nas palavras dos Vedas, que aqueles, ó Pārtha, que dizem que não há nada mais, aqueles cujas mentes são apegadas a prazeres mundanos, aqueles que consideram (um) céu (de prazeres e divertimentos) como o mais alto objeto de aquisição, proferem e que promete nascimento como o fruto da ação e se ocupa com diversos ritos de caracteres específicos para a obtenção de prazeres e poder, iludem seus corações, e as mentes desses homens que são apegados aos prazeres e ao poder não podem ser dirigidas para a contemplação (do ser divino), considerando-a como o único meio de emancipação. Os Vedas tratam de três qualidades, (religião, lucro, e prazer). Sê, ó Arjuna, livre delas, não afetado por pares de contrários (tais como prazer e dor, calor e frio, etc.), sempre aderindo à paciência sem ansiedade por novas aquisições ou proteção daquelas já adquiridas, e controlado. Quaisquer objetos que são supridos por um tanque ou poço, podem todos ser supridos por um lençol vasto de água que se estende por toda parte; assim quaisquer objetos que podem ser supridos por todos os Vedas podem todos ser tidos por um brâmane que tem conhecimento (do Eu ou Brahma). Teu interesse é com o trabalho somente, mas não com o resultado (do trabalho). Que o resultado não seja o teu motivo para o trabalho; nem que a tua tendência seja para a inação. Permanecendo em devoção, dedica-te ao trabalho, rejeitando o apego (a ele), ó Dhanaṃjaya, e sendo o mesmo no sucesso ou insucesso. Essa equanimidade é chamada de Yoga (devoção). Trabalho (com desejo de resultado) é muito inferior à devoção, ó Dhanaṃjaya. Procura a proteção da devoção. Aqueles que trabalham por causa dos resultados são miseráveis. Aquele também que tem devoção se livra, mesmo nesse mundo, de boas ações e más ações. Portanto, dedica-te à devoção. Devoção é somente inteligência em ação. O sábio, possuidor de devoção, rejeita o resultado nascido da ação, e livre da obrigação de (repetidos) nascimentos, alcança aquela região onde não há tristeza. Quando a tua mente tiver cruzado o labirinto da ilusão, então tu obterás uma indiferença com relação ao audível e ao ouvido.[1] Quando a tua mente, distraída (agora) porque tu ouviste (acerca dos meios de alcançar os diversos objetivos da vida), estiver firmemente e imovelmente fixa em contemplação, então tu chegarás à devoção.'”

"Arjuna disse, ‘Quais, ó Keśava, são as indicações de alguém cuja mente está fixa em contemplação? Como alguém de mente constante fala, como senta, como se move?’"

"O Santo disse, 'Quando alguém rejeita todos os desejos de seu coração e está satisfeito dentro de si consigo, então ele é citado como de mente constante. Aquele cuja mente não se agita em meio a calamidades, cuja ânsia

[1] Isto é, ao que você pode ouvir ou ouvirá, e ao que você ouviu.

por prazer está morta, que está livre de apegos (a objetos mundanos), medo e ira, é citado como um Muni de mente firme. A firmeza mental é daquele que é sem afeição em todos os lugares, e que não sente exultação nem aversão ao obter diversos objetos que são agradáveis e desagradáveis. Quando alguém afasta seus sentidos dos objetos daqueles sentidos como a tartaruga (retrai) seus membros de todos os lados, dele mesmo é a firmeza de mente. Os objetos dos sentidos recuam de uma pessoa abstinente, mas não a paixão (por aqueles objetos). Até a paixão retrocede de alguém que contempla o (Ser) Supremo.[2] Os sentidos agitados, ó filho de Kuntī, arrastam à força a mente mesmo de um homem sábio que se esforça duramente para se manter à distância deles. Reprimindo-os todos, uma pessoa deve permanecer em contemplação, fazendo de mim seu único refúgio. Pois a firmeza mental é daquele cujos sentidos estão sob controle. Pensando nos objetos dos sentidos, a atração de uma pessoa é gerada em direção a eles. Da atração surge a ira; da ira surge a falta de discernimento; da falta de discernimento, a perda de memória; da perda de memória, a perda da compreensão; e da perda da compreensão (ela) é completamente arruinada. Mas o homem autocontrolado, desfrutando dos objetos (dos sentidos) com sentidos livres de atração e aversão sob seu próprio controle, obtém a paz (mental). Após a paz (mental) ser alcançada, ocorre a aniquilação de todas as suas tristezas, já que a mente daquele cujo coração é sereno logo se torna firme. Aquele que não é autocontrolado não tem contemplação (do Eu). Aquele que não tem contemplação não tem paz (mental). Como pode haver felicidade para aquele que não tem paz (mental)? Pois o coração que segue na esteira dos sentidos que se movem (entre seus objetos) destrói sua inteligência como o vento destruindo um barco nas águas. Portanto, ó tu de armas poderosas, a firmeza mental é daquele cujos sentidos estão reprimidos dos objetos dos sentidos por todos os lados. O homem controlado está desperto quando é noite para todas as criaturas; e quando as outras criaturas estão despertas é noite para um Muni discernente.[3] Aquele em quem todos os objetos de desejo entram, assim como as águas entram no oceano o qual, (embora) constantemente reenchido, contudo mantém sua linha d’água inalterada, ele obtém paz (mental), e não alguém que anseia por objetos de desejo. Aquele homem que se move continuamente, abandonando todos os objetos de desejo, que está livre do desejo ardente (por diversões) e que não tem afeição e orgulho, obtém paz (mental). Esse, ó Pārtha, é o estado divino. Atingindo-o, uma pessoa nunca é iludida. Permanecendo nele ela alcança, na morte, absorção no Ser Supremo.'”

[2] Uma pessoa pode abster-se dos objetos de prazer, ou por escolha ou por inabilidade de obtê-los. Até, no entanto, que o próprio desejo de desfrutar esteja eliminado, ela não pode ser considerada como tendo obtido firmeza mental.

[3] Os comuns, sendo espiritualmente ignorantes, estão engajados em buscas mundanas. Os sábios em conhecimento espiritual estão mortos para as últimas.

3. *karmayogaḥ* – O Reto Cumprimento da Ação.

"Arjuna disse, 'Se a devoção, ó Janārdana, é considerada por ti como superior à ação, por que então, ó Keśava, tu me engajas em tal trabalho terrível? Por meio de palavras ambíguas tu pareces confundir a minha compreensão. Portanto, dize-me uma coisa definitivamente pela qual eu possa realizar o que é bom.'

"O Santo disse, 'Já foi dito por mim, ó impecável, que há aqui, neste mundo, dois tipos de devoção; aquele dos Sāṃkhyas através do conhecimento e aquele dos yogins através da ação. Um homem não adquire liberdade da ação (somente) pela não realização da ação. Nem ele adquire emancipação final somente pela renúncia (à ação). Ninguém pode subsistir nem por um momento sem agir. Aquele homem de alma iludida que, refreando os órgãos dos sentidos, vive mentalmente apreciando os objetos dos sentidos, é considerado um hipócrita. Aquele, no entanto, ó Arjuna, que, reprimindo (seus) sentidos por meio de sua mente, se engaja em devoção (na forma de) atividade com os órgãos de atividade, e está livre de atração, é eminente (acima de todos). (Portanto), dedica-te sempre ao trabalho, pois ação é melhor do que inação. O próprio sustento do teu corpo não pode ser realizado sem trabalho. Esse mundo é agrilhoado por toda ação exceto aquela que é (realizada) por Sacrifício (por Viṣṇu). (Portanto), ó filho de Kuntī, realiza trabalho por causa disso, livre de atração. Nos tempos antigos, o Senhor da Criação, criando homens e sacrifício juntos, disse, 'Prosperem por meio desse (Sacrifício). Que esse (Sacrifício) seja para vocês (todos) o dispensador de todos os objetos apreciados por vocês. Façam os deuses crescerem com isso, e deixem os deuses (em retorno) fazerem vocês crescer. Assim realizando os interesses mútuos vocês obterão aquilo que é benéfico (para vocês). Propiciados com sacrifícios os deuses lhes concederão os prazeres que vocês desejam. Aquele que desfruta (sozinho) sem oferecer a eles o que eles têm dado é indubitavelmente um ladrão. Os bons que comem o resto de sacrifícios estão livres de todos os pecados. Incorrem em pecado aqueles iníquos que cozinham alimento por sua própria causa.' Por causa do alimento existem todas as criaturas; e o sacrifício é o resultado do trabalho. Sabe que o trabalho provém dos Vedas, e os Vedas se originaram d'Ele que não tem decadência. Portanto, o Ser Supremo que permeia tudo está instalado em sacrifício. Aquele que não se adapta a essa roda que está girando dessa maneira, aquele homem de vida pecaminosa que se deleita (na indulgência de) seus sentidos, vive em vão, ó Pārtha.[4] O homem, no entanto, que é apegado ao Eu somente, que está contente consigo, e que está satisfeito em si mesmo, não tem trabalho (a fazer). Ele não tem inquietação com qualquer ação nem com alguma omissão aqui. Nem, entre todas as criaturas, há alguma da qual seu interesse dependa.[5] Portanto, sempre faze o trabalho que deve ser feito, sem apego. O homem que realiza ação sem apego alcança o Supremo. Somente pelo trabalho, Janaka e

[4] A roda se refere àquilo que foi dito antes, isto é, dos Vedas vem o trabalho, do trabalho a chuva, da chuva o alimento, do alimento todas as criaturas, das criaturas novamente o trabalho e assim de volta aos Vedas.

[5] Tal homem não ganha mérito por ação, nem pecado por inação ou omissão. Nem há alguém desde o Ser Supremo até a mais baixa criatura de quem ele dependa para alguma coisa.

outros alcançaram a realização de seus objetivos. Tendo consideração também pelo cumprimento por homens de seus deveres, cabe a ti trabalhar. Qualquer coisa que um grande homem faça é também feita pelas pessoas comuns. Homens comuns seguem o ideal estabelecido por eles (os grandes). Não há nada em absoluto, ó Pārtha, para eu fazer nos três mundos, (já que eu não tenho) nada que não tenha sido adquirido por mim; entretanto eu me dedico à ação. Porque se em algum momento eu não, sem preguiça, me engajasse em ação, os homens seguiriam o meu caminho, ó Pārtha, por toda parte. Os mundos pereceriam se eu não realizasse trabalho, e eu causaria mistura de castas e arruinaria essas pessoas. Como os ignorantes trabalham, ó Bhārata, tendo apego pelo realizador, assim um homem sábio deve trabalhar sem ser apegado, desejando tornar os homens cumpridores de seus deveres. Um homem sábio não deve causar confusão de compreensão entre as pessoas ignorantes, que têm apego ao próprio trabalho; (por outro lado) ele deve, (ele mesmo), agindo com devoção, engajá-los em todos (os tipos de) trabalho. Todas as atividades são, de todas as maneiras, feitas pelas qualidades da natureza.[6] Aquele cuja mente está iludida pelo egoísmo, no entanto, considera a si mesmo como o ator. Mas aquele, ó de braços fortes, que conhece a distinção (do Eu) das qualidades e trabalho, não é apegado ao trabalho, considerando que são seus sentidos somente (e não ele mesmo) que se ocupam de seus objetos. Aqueles que são iludidos pelas qualidades da natureza ficam ligados às ações feitas pelas qualidades. Uma pessoa de conhecimento perfeito não deve confundir aqueles homens de conhecimento imperfeito. Dedicando todo trabalho a mim (isto é, na crença de que tudo o que você faz é por mim ou por minha causa), com (a tua) mente dirigida ao Eu, empenha-te na batalha, sem desejo, sem afeto e com a tua fraqueza (de coração) dissipada. Aqueles homens que sempre seguem essa minha opinião com fé e sem cavilação alcançam a emancipação final até por meio de trabalho. Mas aqueles que contestam capciosamente e não seguem essa minha opinião, sabe que, privados de todo conhecimento e sem discernimento, eles são arruinados. Mesmo um homem sábio age de acordo com a sua própria natureza. Todos os seres vivos seguem (a sua própria) natureza. Qual então seria a utilidade da restrição? Os sentidos têm, com relação aos objetos dos sentidos, ou atração ou aversão fixas. Uma pessoa não deve se submeter a elas, pois elas são obstáculos no caminho.[7] O próprio dever, mesmo que imperfeitamente realizado, é melhor do que ser feito por outro mesmo se bem realizado. A morte (na realização do) próprio dever é preferível. (A adoção do) dever de outro carrega temor (consigo).'

"Arjuna disse, 'Impelido por quem, ó filho da linhagem Vṛṣṇi, um homem comete pecado, mesmo que relutante e como se obrigado pela força'?

"O Santo disse, 'É o desejo, é a ira, nascido do atributo de paixão; ele devora tudo, ele é muito pecaminoso.[8] Sabe que esse é o inimigo neste mundo. Como o fogo é envolvido pela fumaça, um espelho pela poeira, o feto pelo útero, assim este mundo é envolvido pelo desejo. O conhecimento, ó filho

---

[6] Natureza significando matéria primordial.

[7] Os sentidos, com relação aos seus diversos objetos no mundo, são ou puxados em direção a eles ou repelidos por eles. Esses gostos e desgostos (no caso dos homens que, é claro, somente agem de acordo com a sua natureza) ficam no caminho de sua emancipação, se os homens cedem a eles.

[8] O desejo, se não satisfeito, resulta em ira.

de Kuntī, é envolvido por esse constante inimigo dos sábios na forma de desejo o qual é insaciável e como um fogo. Os sentidos, a mente e o intelecto são considerados como sua residência. Com esses ele ilude o ser incorporado, envolvendo (seu) conhecimento. Portanto, controlando os (teus) sentidos primeiro, ó touro da raça Bhārata, rejeita essa coisa pecaminosa, pois ela destrói o conhecimento derivado de instrução e meditação. É dito que os sentidos são superiores (ao corpo que é inerte). Superior aos sentidos é a mente. Superior à mente é o conhecimento. Mas o que é superior ao conhecimento é Ele (a Alma ou Ser Supremo). Conhecendo dessa maneira aquilo que é superior ao conhecimento e controlando o (teu) eu por meio do eu, mata, ó de braços fortes, o inimigo na forma de desejo o qual é difícil de se subjugar.'"

4. *jñānakarmasaṃnyāsayogaḥ* – O Conhecimento Espiritual.

"O Santo disse, 'Esse imperecível (sistema de) devoção eu declarei para Vivasvat; Vivasvat o declarou para Manu; e Manu o comunicou para Ikṣvāku. Descendo assim de geração, os sábios nobres vieram a conhecê-lo. Mas, ó castigador de inimigos, pelo (intervalo de um) longo tempo aquela devoção se tornou perdida para o mundo. O mesmo (sistema de) devoção foi hoje declarado por mim para ti, pois tu és meu devoto e amigo, (e) esse é um grande mistério.'

"Arjuna disse, 'O teu nascimento é posterior; o nascimento de Vivasvat é anterior. Como eu entenderei então que tu declaraste (isso) primeiro?'

"O Santo disse, 'Muitos nascimentos meus se passaram, ó Arjuna, como também teus. Esses todos eu conheço, mas tu não, ó castigador de inimigos. Embora (eu seja) não nascido e de essência que não conhece deterioração, embora (eu seja) o senhor de todas as criaturas, entretanto, confiando em minha própria natureza (material) eu tomo nascimento por meio dos meus próprios (poderes) de ilusão. Sempre que, ó Bhārata, a perda de piedade e o aumento de impiedade ocorrem, nessas ocasiões eu crio a mim mesmo. Para a proteção dos justos e para a destruição dos fazedores de males, para estabelecer a Devoção, eu nasço era após era. Aquele que realmente conhece meu nascimento e trabalho divinos como sendo dessa maneira, abandonando (seu corpo) não nasce outra vez; (por outro lado) ele vem a mim, ó Arjuna. Muitos que eram livres de atração, medo, ira, que estavam repletos de mim, e que confiavam em mim, têm, purificados por conhecimento e ascetismo, atingido a minha essência. De qualquer maneira que os homens venham a mim, da mesma maneira eu os aceito. É o meu caminho, ó Pārtha, que os homens seguem por toda parte.[9] Aqueles nesse mundo que estão desejosos de êxito em ação adoram os deuses, pois nesse mundo de homens sucesso

[9] Seja qual for o tipo de adoração, sou Eu que sou adorado. Nenhuma forma de culto é inaceitável para mim.

resultante de ação é logo alcançado. A divisão quádrupla de castas foi criada por mim segundo a distinção de qualidades e deveres. Embora eu seja o autor delas, (contudo) saiba que eu não sou seu autor e imperecível.[10] As ações não me tocam. Eu não tenho desejo pelos resultados das ações. Aquele que me conhece dessa maneira não é impedido pelas ações. Sabendo disso, até os homens de antigamente que eram desejosos de emancipação realizaram trabalho. Portanto, tu também realiza trabalho como foi feito pelos antigos do passado remoto. O que é ação e o que é inação, até os eruditos são desorientados por isto. Portanto, eu te falarei sobre ação (para que) sabendo disso tu possas ser libertado do mal. Uma pessoa deve ter conhecimento de ação, e deve ter conhecimento de ações proibidas; ela deve também saber a respeito de inação. O curso de ação é incompreensível. Aquele que vê inação em ação e ação em inação é sábio entre os homens; ele é possuidor de devoção; e ele é um fazedor de todas as ações. Os eruditos chamam de sábio aquele cujos esforços são todos livres do desejo (de resultado) e (do consequente) desejo (de agir), e cujas ações foram todas consumidas pelo fogo do conhecimento. Quem quer que, renunciando a toda atração pelo fruto da ação, está sempre contente e não é dependente de ninguém, não faz nada, de fato, embora engajado em ação. Aquele que, sem desejo, com mente e sentidos sob controle, e abandonando todas as inquietações, realiza ação somente para a conservação do corpo, não incorre em pecado. Aquele que está satisfeito com o que é ganho sem esforço, que se elevou acima dos pares de opostos, que é sem ciúmes, que é equânime no sucesso e no fracasso, não é agrilhoado (pela ação,) embora ele trabalhe. Perecem todas as ações daquele que trabalha por causa de sacrifício,[11] que é sem afeições, que é livre (de atrações), e cuja mente está fixa no conhecimento. Brahma é o recipiente (com o qual a libação é derramada); Brahma é a libação (que é oferecida); Brahma é o fogo sobre o qual por Brahma é despejada (a libação); Brahma é a meta para qual ele procede por fixar sua mente no próprio Brahma, o qual é a ação.[12] Alguns devotos realizam sacrifício para os deuses. Outros, por meio de sacrifício, oferecem sacrifícios ao fogo de Brahma.[13] Outros oferecem (como libação sacrifical) os sentidos dos quais a audição é o primeiro ao fogo da restrição. Outros (também) oferecem (como libações) os objetos dos sentidos, dos quais o som é o primeiro, ao fogo dos sentidos.[14] Outros (além disso) oferecem todas as funções dos sentidos e as funções dos ares vitais ao fogo da devoção por autodomínio aceso pelo conhecimento.[15] Outros também realizam o sacrifício de riqueza, o sacrifício de austeridades ascéticas, o sacrifício de meditação, o sacrifício de estudo (Vêdico), o sacrifício de conhecimento, e outros são ascetas de votos rígidos. Alguns oferecem o ar vital ascendente (Prāṇa) ao ar vital descendente (Apaṇa); e outros, o ar vital descendente ao ar vital ascendente; alguns, detendo o curso dos ares vitais ascendentes e descendentes, estão dedicados à retenção dos ares vitais.

[10] Isto é, sou inativo e imorredouro. Trabalho implica esforço, e, portanto, perda de energia. Em mim não há ação, nenhuma perda de energia, e, portanto, nenhuma decadência.

[11] Por causa da Alma Suprema; o que é feito por sacrifício é feito para obter emancipação,

[12] No caso de tal pessoa acontece uma completa identificação com Brahma, e quanto tal identificação ocorre, a ação é destruída.

[13] Oferecendo o próprio sacrifício como um sacrifício para o fogo Brahma eles se livram de toda ação.

[14] Oferecer os sentidos ao fogo da restrição significa controlar os sentidos pela prática de Yoga. Oferecer os objetos dos sentidos significa não atração por aqueles objetos.

[15] Suspendendo as funções vitais por meio de contemplação ou Yoga.

Outros de ações controladas oferecem os ares vitais aos ares vitais.[16] Todos aqueles que estão familiarizados com sacrifícios, cujos pecados têm sido consumidos por sacrifício, e que comem os restos de sacrifícios os quais são amṛta, alcançam ao eterno Brahma. (Nem) este mundo é para aquele que não realiza sacrifício. Como então (seria) o outro, ó melhor da família de Kuru? Dessa maneira diversos são os sacrifícios que se acham nos Vedas. Sabe que todos eles resultam de ação, e sabendo disso tu serás emancipado. O sacrifício do conhecimento, ó castigador de inimigos, é superior a todo sacrifício que envolve (a obtenção de) resultados de ação, pois toda ação, ó Pārtha, está totalmente contida no conhecimento.[17] Aprende aquele (Conhecimento) por meio de prostração, indagação, e serviço. Aqueles que possuem conhecimento e podem ver a verdade te ensinarão aquele conhecimento, sabendo o qual, ó filho de Pāṇḍu, tu não obterás novamente tal ilusão, e pelo qual tu verás as criaturas infinitas (do universo) em ti mesmo (primeiro) e então em mim. Mesmo se tu fosses o maior pecador entre todos os que são pecaminosos, tu ainda passarias por cima de todas as transgressões pela balsa do conhecimento. Como um fogo ardente, ó Arjuna, reduz combustível a cinzas, assim o fogo do conhecimento reduz todas as ações a cinzas. Pois não há nada aqui que seja tão purificador quanto o conhecimento. Alguém que alcançou o êxito por devoção o encontra sem esforço dentro de si mesmo com o tempo. Obtém conhecimento aquele que tem fé e está concentrado nisso e que tem seus sentidos sob controle; obtendo conhecimento uma pessoa encontra a maior tranquilidade imediatamente. Alguém que não tem conhecimento e nenhuma fé, e cuja mente está cheia de dúvidas, está perdido. Nem este mundo, nem o próximo, nem a felicidade é para aquele cuja mente está cheia de dúvidas. As ações não agrilhoam, ó Dhanaṃjaya, aquele que rejeitou a ação por devoção, cujas dúvidas foram dissipadas pelo conhecimento, e que é autocontrolado. Portanto, destruindo, pela espada do conhecimento, essa tua dúvida que é nascida da ignorância e que mora em tua mente, dirige-te à devoção, (e) levanta, ó filho de Bharata.'"

5. *saṃnyāsayogaḥ* – Renúncia à Ação.

"Arjuna disse, 'Tu aclamaste, ó Kṛṣṇa, o abandono das ações, e novamente a aplicação (a elas). Dize-me definitivamente qual desses dois é superior.'

"O Santo disse, 'O abandono das ações e aplicação às ações ambos levam à emancipação. Mas desses, aplicação à ação é superior ao abandono. Deve ser sempre reconhecido como um asceta aquele que não tem aversão nem desejo. Pois, sendo livre dos pares de opostos, ó tu de braços poderosos, ele é facilmente libertado dos vínculos (da ação). Os tolos dizem, mas não aqueles que são sábios, que Sāṃkhya e Yoga são distintos. Alguém que permanece em

[16] Todos esses são diferentes tipos de Yoga, ou diferentes estágios da prática de Yoga.
[17] Isto é, o conhecimento sendo alcançado, os frutos da ação são alcançados por, pelo menos, seu objetivo ser realizado.

um (dos dois) colhe o fruto de ambos.[18] Qualquer assento que é alcançado por aqueles que professam o sistema Sāṃkhya também é alcançado por aqueles que professam o Yoga. Vê verdadeiramente quem vê Sāṃkhya e Yoga como um. Mas renúncia, ó poderosamente armado, sem devoção (à ação), é difícil de se alcançar. O asceta que está engajado em devoção (por meio de ação) alcança o Ser Supremo sem demora. Aquele que está engajado em devoção (por meio de ação) e é de alma pura, que tem conquistado seu corpo e subjugado seus sentidos, e que se identifica com todas as criaturas, não é agrilhoado embora realizando (ação). O homem de devoção, que sabe a verdade, pensa 'Eu não estou fazendo nada' quando vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, se movendo, dormindo, respirando, falando, excretando, pegando (algo com as mãos), abrindo as pálpebras ou fechando-as; ele considera que são os sentidos que estão ocupados nos objetos dos sentidos. Aquele que renunciando ao apego se engaja em ações, submetendo-as a Brahma, não é tocado pelo pecado como a folha do lótus (não é tocada) pela água.[19] Aqueles que são devotos, abandonando o apego, realizam ações (obtendo) pureza pessoal, com o corpo, a mente, o intelecto, e até os sentidos (livres de desejo). Aquele que é possuidor de devoção, renunciando ao fruto da ação, obtém a tranquilidade mais elevada. Aquele que não possui devoção e é apegado ao fruto da ação é agrilhoado pela ação realizada por desejo. O (ser) incorporado autocontrolado, renunciando a todas as ações por meio da mente, permanece tranquilo dentro da casa de nove portas, nem agindo ele mesmo nem fazendo (qualquer coisa) agir.[20] O Senhor não é a causa da capacidade para ação, ou das ações dos homens, ou da conexão de ações e (seus) frutos. É a natureza que se envolve (em ação). O Senhor não recebe os pecados de alguém, nem também mérito. Pela ignorância, o conhecimento é escondido. É por isso que as criaturas são iludidas. Mas de quem quer que a ignorância tenha sido destruída pelo autoconhecimento, aquele conhecimento, (o qual é) como o Sol, revela o Ser Supremo. Aqueles cujas mentes estão n'Ele, cuja própria alma é Ele, que residem n'Ele, e que têm a Ele como sua meta, partem para nunca mais voltar, seus pecados sendo todos destruídos pelo conhecimento.[21] Aqueles que são sábios lançam um olhar igual em um brâmane dotado de erudição e modéstia, em uma vaca, um elefante, um cachorro, e um caṇḍāla (um membro da casta mais baixa). Aqui mesmo o nascimento foi conquistado por aqueles cujas mentes repousam na igualdade; e já que Brahma é impecável e uniforme, portanto, (é dito que) eles residem em Brahma. Aquele cuja mente é firme, que não é iludido, que conhece Brahma, e que descansa em Brahma, não exulta ao obter alguma coisa que é agradável, nem ele se aflige ao obter o que é desagradável. Aquele cuja mente não está ligada a objetos externos dos sentidos, obtém aquela felicidade que se encontra no Eu; e por concentrar sua mente na contemplação de Brahma, ele desfruta de uma felicidade que é imperecível. Os prazeres nascidos do contato (dos sentidos com seus objetos) são produtivos de tristeza. Aquele que é sábio, ó filho de Kuntī, nunca tem prazer nestes que tem um início e um fim. Aquele

[18] Sāṃkhya é renúncia à ação, enquanto Yoga é devoção através de ação.

[19] A água quando jogada sobre uma folha de lótus escapa sem molhar ou encharcar a folha em absoluto.

[20] O corpo é descrito como uma cidade de nove portas, tendo dois olhos, dois ouvidos, duas narinas, uma boca, e as duas aberturas para excreções.

[21] Tais homens são dispensados da obrigação do renascimento. Deixando esse corpo eles imergem na Alma Suprema.

homem seja quem for aqui, antes da dissolução do corpo, é capaz de aguentar as agitações resultantes do desejo e da ira, está fixo em contemplação, e é feliz. Aquele que encontra felicidade dentro de si mesmo, (e) que se diverte dentro de si mesmo, ele cuja luz (de conhecimento) é derivada de dentro de si mesmo é um devoto, e tornando-se uno com Brahma atinge absorção em Brahma. Aquelas pessoas santas cujos pecados foram destruídos, cujas dúvidas foram dissipadas, que são autocontroladas, e que são dedicadas ao bem de todas as criaturas, obtêm absorção em Brahma. Para esses devotos que estão livres do desejo e da ira, cujas mentes estão sob controle, e que têm conhecimento do eu, absorção em Brahma existe aqui e futuramente. Excluindo (de sua mente) todos os objetos externos dos sentidos, dirigindo o olhar visual entre as sobrancelhas, misturando (em um) os ares vitais ascendente e descendente e fazendo-os passar pelas narinas, o devoto, que tem controlado os sentidos, a mente, e o intelecto, estando concentrado na emancipação, e que está livre de desejo, medo, e ira, está emancipado, de fato. Sabendo que eu sou o desfrutador de todos os sacrifícios e austeridades ascéticas, o grande Senhor de todos os mundos, e amigo de todas as criaturas, tal pessoa obtém tranquilidade.'"

6. *ātmasaṃyamayogaḥ* – Meditação ou Subjugação ao Eu Superior.

"O Santo disse, 'Indiferente ao resultado da ação, aquele que realiza as ações que devem ser realizadas é um renunciador e devoto (Saṃnyāsin e Yogin), e não alguém que descarta o fogo (sacrifical), nem alguém que se abstém da ação. Sabe que aquilo que é chamado de renúncia, ó filho de Pāṇḍu, é devoção, já que não pode ser um devoto quem não renunciou a (todas) as resoluções (que surgem do desejo). Para o sábio desejoso de se elevar à devoção, a ação é citada como o modo; e quando ele se elevou à devoção, a cessação da ação é citada como o modo. Quando alguém não é mais apegado aos objetos dos sentidos, nem às ações, e quando ele renuncia a todas as resoluções, então é dito que ele se elevou à devoção. Uma pessoa deve elevar (seu) eu pelo eu; ela não deve degradar (seu) eu; pois seu próprio eu é seu amigo, e seu próprio eu é seu inimigo.[22] (Somente) para aquele que subjuga seu eu por meio de seu eu o eu é um amigo. Mas para aquele que não subjuga seu eu, seu eu se comporta hostilmente como um inimigo. A alma de alguém que subjuga seu eu e que está no desfrute de tranquilidade está firmemente fixa (em si mesma) em meio a frio e calor, prazer e dor, e também honra e desonra. É citado como devotado aquele asceta cuja mente está satisfeita com conhecimento e experiência, que não tem afeição, que tem subjugado seus sentidos, e para quem um torrão, uma pedra e ouro são iguais. Aquele que considera igualmente benquerentes, amigos, inimigos, desconhecidos que são indiferentes a ele, aqueles que tomam parte em ambos os lados, aqueles que são objetos de aversão, aqueles que são parentes

[22] A mente, a menos que controlada, não pode levar à devoção.

(dele), aqueles que são bons, e aqueles que são maus, é notável (acima de todos os outros). Um devoto deve sempre fixar sua mente em contemplação, permanecendo sozinho em um lugar retirado, controlando sua mente e corpo, sem expectativas (de qualquer tipo), e sem preocupar-se (com alguma coisa). Instalando seu assento imovelmente em um local limpo, não muito alto nem muito baixo, e espalhando sobre ele um tecido, uma pele de veado, ou folhas de erva Kuśa, e lá sentado naquele assento, com mente fixa em um objeto, e refreando as funções do coração e os sentidos, ele deve praticar contemplação para a purificação do eu. Mantendo corpo, cabeça, e pescoço alinhados, imóveis e firmes, e lançando seu olhar sobre a ponta de seu nariz, e sem olhar em volta em alguma das diferentes direções, com a mente em tranquilidade, livre do medo, observador das práticas dos Brahmacārins, reprimindo a mente, com coração fixo em mim, o devoto deve se sentar, me considerando como o objeto de seu alcance. Dessa maneira aplicando sua alma constantemente, o devoto cujo coração é controlado alcança aquela tranquilidade a qual culmina em absorção final e assimilação em mim. A devoção (Yoga) não é de alguém, ó Arjuna, que come muito, nem de alguém que não come em absoluto; nem de alguém que é viciado em dormir muito, nem de alguém que está sempre desperto. A devoção que é destrutiva de miséria é daquele que é moderado em alimentação e diversões, que devidamente se esforça moderadamente em todas as suas atividades, e que é moderado em sono e vigílias. Quando o coração de alguém, devidamente controlado, está fixo em seu próprio Eu (afastado de todos os objetos dos sentidos), então, indiferente a todos os objetos de desejo, ele é alguém chamado de devoto. Como uma lâmpada em um local sem vento não tremula, essa mesma é a semelhança declarada de um devoto cujo coração foi controlado e que consagra seu eu à abstração. Aquela (condição) na qual a mente, reprimida pela prática de abstração, repousa, na qual contemplando o eu pelo eu uma pessoa está satisfeita dentro de si mesma; na qual ela sente aquela felicidade mais sublime que está além (da esfera dos) sentidos e que (somente) a compreensão pode alcançar, e fixa na qual uma pessoa nunca se desvia da verdade; adquirindo a qual ninguém considera outra aquisição maior do que ela, e permanecendo na qual uma pessoa nunca é movida nem pela tristeza mais forte; deve ser conhecida como a que é chamada de devoção aquela (condição) na qual há um rompimento de ligação com a dor. Aquela devoção deve ser praticada com perseverança e com ânimo firme. Renunciando sem exceção a todos os desejos que são nascidos de resoluções, reprimindo totalmente o grupo dos sentidos só pela mente, uma pessoa deve, por passos lentos, tornar-se tranquila (auxiliada) por (seu) intelecto controlado por meio de paciência, e então dirigindo sua mente ao Eu não deve pensar em nada. Para onde quer que a mente, a qual é (por natureza) inquieta e instável, possa correr, refreando-a disso, uma pessoa deve dirigi-la para o Eu somente. De fato, para tal devoto cuja mente está em tranquilidade, cujas paixões foram suprimidas, que se tornou uno com Brahma e que está livre do pecado, a maior felicidade vem (por iniciativa própria). Assim aplicando sua alma constantemente (à abstração), o devoto, livre do pecado, obtém facilmente aquela felicidade sublime, isto é, com Brahma. Aquele que dedica seu eu à abstração lançando um olhar igual em todos os lugares, vê a si mesmo em todas as criaturas e todas as criaturas em si

mesmo. Para aquele que me vê em tudo e vê tudo em mim, eu nunca estou perdido e ele também nunca está perdido para mim.[23] Aquele que me reverencia como residente em todas as criaturas, considerando também que tudo é um, é um devoto, e qualquer que seja o modo de vida que ele leve, ele vive em mim. Aquele devoto, ó Arjuna, que lança um olhar igual sobre todos os lugares, considerando todas as coisas como seu próprio eu e a felicidade e a tristeza de outros como sua própria, é considerado o melhor.'

"Arjuna disse, 'Essa devoção por meio de equanimidade que tu declaraste, ó matador de Madhu, por conta da inquietação da mente eu não vejo a sua presença estável.[24] Ó Kṛṣṇa, a mente é agitada, tumultuosa, perversa, e obstinada. Seu controle eu considero como de realização tão difícil quanto o controle do vento.'

"O Santo disse, 'Sem dúvida, ó tu de armas poderosas, a mente é de subjugação difícil e é inquieta. Com a prática, no entanto, ó filho de Kuntī, e com o abandono do desejo, ela pode ser controlada. É minha opinião que para aquele cuja mente não é controlada a devoção é de aquisição difícil. Mas por alguém cuja mente é controlada e que é assíduo, ela pode ser adquirida com a ajuda de meios.'

"Arjuna disse, 'Sem assiduidade, embora dotado de fé, e com a mente agitada para longe da devoção, qual é o fim daquele, ó Kṛṣṇa, que não obteve êxito em devoção? Caído de ambos, (do céu (por trabalho) e da absorção em Brahma (por devoção)), ele é perdido como uma nuvem separada ou não, sendo como ele é sem refúgio, ó tu de braços poderosos, e iludido no caminho que leva a Brahma? Essa minha dúvida, ó Kṛṣṇa, cabe a ti remover sem deixar qualquer coisa, (isto é, removê-la completamente). Além de ti, nenhum dissipador dessa dúvida é para ser tido.'

"O Santo disse, 'Ó filho de Pṛthā, nem nesse mundo nem no seguinte a ruína existe para ele, já que ninguém, ó senhor, que realiza boas (ações), obtém um fim infeliz. Alcançando as regiões reservadas para aqueles que realizam atos meritórios e vivendo lá por muitos e muitos anos, aquele que abandonou a devoção toma nascimento na residência daqueles que são pios e dotados de prosperidade, ou, ele nasce até na família de devotos dotados de inteligência. De fato, um nascimento como esse é de aquisição muito difícil neste mundo. Naquele nascimento ele obtém contato com aquele conhecimento Brâmico o qual era dele em sua vida anterior; e a partir daquele ponto ele se esforça novamente, ó descendente de Kuru, em direção à perfeição. E embora relutante, ele ainda continua se desenvolvendo por aquela sua mesma prática antiga. Até alguém que perguntou sobre devoção se eleva acima dos (frutos) da Palavra Divina.[25] Empenhando-se com grandes esforços, o devoto, purificado de todos os seus pecados, atinge a perfeição depois de muitos nascimentos, e então alcança a meta suprema. O devoto é superior aos ascetas engajados em austeridades; ele é considerado superior até ao homem

[23] Isto é, eu sou sempre visível para ele, e ele também está sempre dentro da minha vista, e eu sou sempre bondoso para ele.
[24] Isto é, como a sua existência estável pode ser assegurada, a mente sendo por natureza sempre inquieta.
[25] Isto é, dos Vedas. Tão grande é a eficácia da devoção que alguém meramente se informando sobre ela transcende aquele que obedece aos ritos dos Vedas.

de conhecimento. O devoto é superior àqueles que estão engajados em ação. Portanto, torna-te um devoto, ó Arjuna. Mesmo entre todos os devotos, aquele que, cheio de fé e com a alma repousando em mim, me venera, é considerado por mim como o mais dedicado."

7. *jñānavijñānayogaḥ* – Discernimento Espiritual.

"O Santo disse, 'Ouve, ó filho de Pṛthā, como, sem dúvida, tu podes me conhecer totalmente, fixando tua mente em mim, praticando devoção, e te refugiando em mim. Eu te falarei agora, sem deixar qualquer coisa, sobre conhecimento e experiência, conhecendo os quais não sobrará nada neste mundo (para tu) conheceres. Um entre milhares de homens se esforça pela perfeição (isto é, pelo conhecimento de si mesmo). Mesmo daqueles que são assíduos e alcançaram a perfeição, somente alguns (muito poucos) me conhecem realmente. Terra, água, fogo, ar, espaço, mente, também intelecto, e consciência, dessa maneira a minha natureza é dividida em oito partes. Essa é uma (forma) inferior (da minha) natureza. Diferente dessa, sabe que há uma (forma) superior (da minha) natureza que é animada, ó tu de braços fortes, e pela qual esse universo é mantido. Sabe que todas as criaturas têm essas como sua fonte. Eu sou a fonte da evolução e também da dissolução do universo inteiro. Não há nada mais, ó Dhanaṃjaya, que seja mais elevado do que eu mesmo. Em mim está tudo isso como uma fileira de pérolas em um cordão. Eu sou o sabor nas águas, ó filho de Kuntī, (e) eu sou o esplendor da lua e do sol, eu sou o Om em todos os Vedas, o som no espaço, e a virilidade nos homens. Eu sou o odor fragrante na terra, o esplendor no fogo, a vida em todas as criaturas (viventes), e penitência em ascetas. Sabe, ó filho de Pṛthā, que eu sou a semente eterna de todos os seres. Eu sou a inteligência de todas as criaturas dotadas de inteligência, a glória de todos os objetos gloriosos. Eu sou também a força de todos os que são dotados de força, (eu mesmo) livre de desejo e ânsia, e, ó touro da raça Bharata, sou o desejo, consistente com dever, em todas as criaturas. E todas as existências que são da qualidade de bondade, e as que são da qualidade de paixão e da qualidade de ignorância, sabe que elas são, de fato, de mim. Eu, no entanto, não estou nelas, mas elas estão em mim. Todo esse universo, iludido por essas três entidades consistindo (nessas) três qualidades não conhece a mim que estou além delas e (sou) imperecível; visto já que essa minha ilusão, dependente das (três) qualidades, é muito extraordinária e muito difícil de ser transcendida. Somente aqueles que recorrem a mim atravessam essa ilusão. Fazedores de mal, homens ignorantes, os piores de sua espécie, roubados de seu conhecimento por (minha) ilusão e ligados à condição de demônios, não recorrem a mim. Quatro classes de fazedores de bons atos me adoram, ó Arjuna, isto é,[26] aquele que está aflito, que é possuidor de conhecimento, sendo sempre devotado e tendo sua fé somente em Um é superior ao resto, pois para o

[26] 'Há quatro tipos de devotos, isto é, aqueles que anseiam por uma vida religiosa, aqueles que são inquisitivos, aqueles que se esforçam para compreender o que eles aprendem e aqueles que são sábios'. – *Mahābhārata*, *Śāntiparvan*, Cap. 342, pág. 820 da tradução em português.

homem de conhecimento eu sou caro acima de tudo, e ele também é caro para mim. Todos esses são nobres. Mas o homem de conhecimento é considerado (por mim) como o meu próprio eu, já que ele, com alma fixa em abstração, se refugia em mim como a meta mais elevada. No fim de muitos nascimentos, o homem possuidor de conhecimento alcança a mim, (pensando) que Vasudeva é tudo isso. Tal pessoa de grande alma, no entanto, é extremamente rara. Aqueles que são privados de conhecimento pelo desejo recorrem às suas divindades, observadores de diversos regulamentos e controlados por sua própria natureza.[27] Qualquer forma, (de divindade ou eu mesmo) que algum devoto deseje cultuar com fé, aquela sua fé naquela (forma) eu torno firme. Dotado daquela fé, ele presta suas adorações àquela (forma), e obtém dela todos os seus desejos, já que todos aqueles são ordenados por mim. Os frutos, no entanto, daquelas pessoas dotadas de pouca inteligência são perecíveis.[28] Aqueles que adoram as divindades vão às divindades, (enquanto) aqueles que me adoram vêm até mim.[29] Aqueles que não têm discernimento, consideram a mim que sou (realmente) imanifesto como tendo me tornado manifesto, porque eles não conhecem o meu estado transcendente e imperecível ao qual não há nada superior. Encoberto pela ilusão do meu poder inconcebível, eu não estou manifesto para todos. Esse mundo iludido não conhece a mim que sou não nascido e imorredouro. Eu conheço, ó Arjuna, todas as coisas que são passadas, e todas as coisas que são presentes, e todas as coisas que são futuras. Mas não há ninguém que me conheça. Todas as criaturas, ó castigador de inimigos, são iludidas no momento de seu nascimento pela ilusão, ó Bhārata, dos pares de opostos resultantes do desejo e aversão. Mas aquelas pessoas de atos meritórios cujos pecados alcançaram seu fim, sendo livres da ilusão dos pares de opostos, me adoram, firmes em seu voto (daquele culto). Aqueles que, refugiando-se em mim, se esforçam para se libertar da decadência e da morte, conhecem Brahman, todo o Adhyātma,[30] e ação.[31] E aqueles que me reconhecem como o Adhibhūta, o Adhidaiva, e o Adhiyajña, tendo mentes fixas em abstração, me conhecem no momento de sua partida (deste mundo).'"

8. *akṣarabrahmayogaḥ* – O Caminho para a Divindade Suprema.

"Arjuna disse, 'O que é Brahman, o que é Adhyātma, o que é ação, ó melhor dos seres masculinos? O que também é citado como Adhibhūta, e o que é chamado de Adhidaiva? O que é aqui Adhiyajña, e como, neste corpo, ó matador de Madhu? E como na hora da partida tu deves ser conhecido por aqueles que têm controlado seu eu?'

[27] Isto é, temperamento como dependente das ações de suas vidas passadas.
[28] As divindades sendo perecíveis, o que elas obtêm é perecível.
[29] Eu mesmo sendo imperecível, o que meus adoradores obtêm é imperecível.
[30] Tudo aquilo pelo qual Brahman é para ser alcançado.
[31] Todo o curso de deveres e práticas que levam ao conhecimento de Brahman.

"O Santo disse, 'Brahman é o Supremo e indestrutível. Adhyātma é citado como sua própria manifestação. A oferenda (para alguma divindade em um sacrifício) a qual causa a produção e desenvolvimento de todos, isso é chamado de ação. Lembrando somente de mim em (seus) últimos momentos, aquele que, abandonando seu corpo, parte (daqui), entra em minha essência. Não há dúvida nisso. Qualquer forma (de divindade) que uma pessoa lembre quando ela abandona, no fim, (seu) corpo, àquela ela vai, ó filho de Kuntī, tendo habitualmente meditado nela sempre. Portanto, pensa em mim em todos os momentos, e te engaja em batalha. Fixando a tua mente e intelecto em mim, tu, sem dúvida, virás até a mim. Pensando (no Supremo) com a mente não correndo para outros objetos e dotada de abstração na forma de aplicação ininterrupta, uma pessoa vai, ó filho de Pṛthā, para o Divino e Supremo Ser masculino. Aquele que na hora de sua partida, com mente firme, dotado de reverência, com poder de abstração, e dirigindo o ar vital chamado Prāṇa entre as sobrancelhas, pensa naquele vidente antigo, que é o soberano (de todos), que é mais minúsculo do que o átomo mais minúsculo, que é o ordenador de tudo, que é inconcebível em forma, e que está além de toda escuridão, vai àquele Divino e Supremo Ser Masculino. Eu te falarei em poucas palavras acerca daquela base a qual pessoas familiarizadas com os Vedas declaram ser indestrutível, na qual entram ascetas livres de todos os desejos, e na expectativa da qual (as pessoas) praticam os votos de Brahmacārins. Abandonando (este) corpo, aquele que parte, bloqueando todas as portas (os sentidos), confinando a mente dentro do coração (afastando a mente de todos os objetos externos), colocando seu próprio ar vital chamado Prāṇa entre as sobrancelhas, repousando em contínua meditação, proferindo esta única sílaba Om que é Brahman, e pensando em mim, alcança a meta mais sublime. Aquele que sempre pensa em mim com mente sempre afastada de todos os outros objetos, para aquele devoto sempre empenhado em meditação, eu sou, ó Pārtha, de fácil acesso. Pessoas de grande alma que atingiram a maior perfeição, chegando a mim, não incorrem no renascimento o qual é a residência da tristeza e que é transitório. Todos os mundos, ó Arjuna, da residência de Brahman para baixo têm que passar por um círculo de nascimentos,[32] ao alcançar a mim, no entanto, ó filho de Kuntī, não há renascimento. Aqueles que sabem que um dia de Brahman termina depois de mil Yugas, e uma noite (dele) termina depois de mil Yugas são pessoas que conhecem dia e noite. Na chegada do dia de (Brahman) tudo o que é manifesto surge do imanifesto; e quando chega (sua) noite, naquele mesmo que é chamado de imanifesto todas as coisas desaparecem. Aquele mesmo conjunto de criaturas, surgindo repetidas vezes, se dissolve na chegada da noite, e surge (novamente), ó filho de Pṛthā, quando chega o dia, obrigado (pela força da ação, etc.)[33] Há, no entanto, outro ente, imanifesto e eterno, o qual está além daquele imanifesto, e que não é destruído quando todas as entidades são destruídas. Ele é citado como imanifesto e indestrutível. Eles o chamam de a meta mais alta, alcançando a qual ninguém tem que voltar. Aquela é minha base Suprema. Aquele Ser Supremo, ó filho de Pṛthā, Ele dentro de quem estão todos os entes, e por quem tudo isso é permeado, é para ser alcançado

---

[32] Todas essas regiões sendo destrutíveis e sujeitas ao renascimento, aqueles que vivem lá são igualmente sujeitos à morte e renascimento,

[33] Nesse círculo de nascimentos e mortes, as próprias criaturas não são agentes livres, estando o tempo todo sujeitas à influência do Karma.

por reverência não dirigida para qualquer outro objeto. Eu te direi os momentos, ó touro da raça Bharata, nos quais devotos partindo (dessa vida) vão, para nunca retornar, ou para retornar. O fogo, a Luz, o dia, a quinzena iluminada, os seis meses do solstício do norte, partindo daqui, as pessoas que conhecem Brahma atravessam esse caminho para Brahma. Fumaça, noite, também a quinzena escura (e) os seis meses do solstício do sul, (partindo) por esse caminho, o devoto, alcançando a luz lunar, retorna. O claro e o escuro, esses dois caminhos são considerados como (os dois caminhos) eternos do universo. Pelo primeiro, (uma pessoa) vai para nunca voltar; pelo outro, uma pessoa (indo) retorna. Conhecendo esses dois caminhos, ó filho de Pṛthā, nenhum devoto é iludido. Portanto, em todos os momentos, sê dotado de devoção, ó Arjuna. O resultado meritório que é prescrito para o (estudo dos) Vedas, para sacrifícios, para austeridades ascéticas e para doações, um devoto conhecendo tudo isso (que foi dito aqui), obtém tudo isso, e (também) alcança a base Suprema e Primeva.'"

9. *rājavidyārājaguhyayogaḥ* – A Sublime Ciência e o Soberano Segredo.

"O Santo disse, 'Agora eu direi a ti que és sem inveja aquele conhecimento mais misterioso junto com a prática, conhecendo os quais tu serás livre do mal. Esta é a ciência real, um mistério real, altamente purificador, diretamente compreensível, consistente com as leis sagradas, fácil de praticar, (e) imperecível. Aquelas pessoas, ó castigador de inimigos, que não têm fé nessa doutrina sagrada, não alcançando a mim, voltam ao caminho deste mundo que está sujeito à destruição. Este universo inteiro é permeado por mim em minha forma imanifesta. Todas as entidades estão em mim, mas eu não resido nelas. Nem também todos os entes estão em mim. Vê meu poder divino. Sustentando todos os entes e produzindo todos os entes, eu mesmo (contudo) não resido (naqueles) entes. Como a grande atmosfera sempre ocupa espaço, entende que todas as existências residem em mim da mesma maneira.[34] Todas as entidades, ó filho de Kuntī, alcançam a minha natureza[35] no fim de um Kalpa. Eu as crio novamente no início de um Kalpa. Regulando a minha própria natureza (independente) eu crio novamente todo esse grupo de existências o qual é maleável por sua sujeição à natureza.[36] Aqueles atos, no entanto, ó Dhanaṃjaya, não restringem a mim que permaneço como alguém indiferente, sendo independente daquelas ações (de criação). Através de mim, o supervisor, a natureza primordial produz (o universo dos) móveis e imóveis. Por essa razão (a minha supervisão), ó filho de Kuntī, o universo passa por suas rondas (de nascimento e destruição). Não conhecendo a minha natureza suprema de grande senhor de todas as entidades, as pessoas ignorantes de

[34] A atmosfera ocupa espaço sem afetar a ele ou sua natureza. Assim todas as coisas estão no Ser Supremo sem afetá-lo.

[35] O princípio imanifesto ou essência primordial.

[36] Ao Karma; a influência do Karma ou ação sendo universal em determinar a forma de uma entidade específica no momento de sua criação.

esperanças inúteis, ações inúteis, conhecimento inútil, mentes confusas, ligadas à natureza ilusória de Asuras e Rākṣasas, me desconsideram como (alguém) que assumiu um corpo humano. Mas as pessoas de grande alma, ó filho de Pṛthā, possuidoras de natureza divina, e com mentes dirigidas para nada mais, me adoram, reconhecendo (a mim) como a origem de todos os entes e indestrutível. Sempre me glorificando, (ou) se esforçando com votos firmes, (ou) reverenciando a mim, com veneração e sempre devotados, (eles) me cultuam. Outros, além disso, realizando o sacrifício de conhecimento,[37] me adoram, (alguns) como único, (alguns) como diverso, (alguns) como permeando o universo, em muitas formas (como Brahman, Rudra, etc.) Eu sou o sacrifício Vêdico, eu sou o sacrifício ordenado nas Smṛtis, eu sou Svadhā, eu sou o medicamento produzido de ervas; eu sou o mantra,[38] eu sou a libação sacrifical, eu sou o fogo, e eu sou a oferenda (sacrifical). Eu sou o pai desse universo, a mãe, o criador, avô; (eu sou) a coisa a ser conhecida, os meios pelos quais tudo é purificado, a sílaba Om, o Ṛk, o Sāman e o Yajus, (eu sou) a meta, o sustentador, o senhor, o espectador, a residência, o refúgio, o amigo, a fonte, a destruição, o suporte, o receptáculo; e a semente indestrutível. Eu dou calor, eu produzo e suspendo a chuva; eu sou a imortalidade, e também a morte; e eu sou o existente e o inexistente, ó Arjuna. Aqueles que conhecem os três ramos de conhecimento, e também bebem o suco Soma, e cujos pecados têm sido purificados adorando a mim por meio de sacrifícios, procuram admissão no céu; e esses alcançando a região sagrada do chefe dos deuses desfrutam no céu do prazer celestial dos deuses. Tendo desfrutado daquele mundo celeste de vasta extensão, após o esgotamento de seus méritos eles reentram no mundo mortal. É dessa maneira que aqueles que aceitam as doutrinas dos três Vedas e desejam objetos de desejos obtêm inda e vinda. Aquelas pessoas que, pensando (em mim) sem dirigir suas mentes para qualquer coisa mais, me adoram, àqueles que são (assim) sempre devotados (a mim), eu faço presentes e preservo o que eles têm. Até aqueles devotos que dotados de fé adoram outras divindades, eles mesmos, ó filho de Kuntī, adoram a mim somente, (embora) irregularmente. Eu sou o desfrutador, como também o senhor, de todos os sacrifícios. Eles, no entanto, não me conhecem realmente; por isso eles caem (do céu). Aqueles cujos votos são dirigidos aos Pitṛs alcançam os Pitṛs; aqueles que dirigem (seu) culto para os espíritos inferiores chamados Bhūtas alcançam os Bhūtas; aqueles que me adoram, alcançam a mim mesmo. Aqueles que me oferecem com reverência uma folha, flor, fruta, ou água, esse oferecido com reverência, eu aceito daquele cujo eu é puro. O que quer que tu faças, o que quer que comas, o que quer que bebas, o que quer que does, quaisquer austeridades que tu realizes, maneja isso de tal maneira, ó filho de Kuntī, que isso possa ser uma oferenda a mim. Desse modo tu poderás ser libertado dos grilhões da ação que tem resultados bons e maus. Dotado de renúncia e devoção, tu serás libertado e virás a mim. Eu sou igual para todas as criaturas; não há ninguém odioso para mim, ninguém caro. Aqueles, no entanto, que me adoram com reverência estão em mim e eu também estou neles. Se uma pessoa de conduta extremamente pecaminosa me reverencia, sem cultuar alguém mais, ela deve certamente ser considerada boa, pois seus esforços são bem dirigidos. (Tal pessoa) logo vem a ser de alma

[37] Crendo que Vasudeva é tudo.
[38] O verso ou versos sagrados usados para invocar divindades e para outros propósitos.

virtuosa, e obtém tranquilidade eterna. Sabe, ó filho de Kuntī, que alguém devotado a mim jamais é perdido. Pois, ó filho de Pṛthā, mesmo aqueles que sejam de nascimento pecaminoso, mulheres, vaiśyas, e também śūdras, até eles, recorrendo a mim, alcançam a meta suprema. O que então (eu direi) de brâmanes pios e santos que são meus devotos? Tendo vindo a esse mundo transitório e miserável, dedica-te ao meu culto. Fixa a tua mente em mim; sê meu devoto, meu adorador; curva-te a mim; e assim fazendo de mim teu refúgio e aplicando teu eu à abstração, tu sem dúvida virás a mim.'"

10. *vibhūtiyogaḥ* – A Excelência Divina.

"O Santo disse, 'Mais uma vez ainda, ó de braços fortes, escuta as minhas palavras divinas as quais, por desejo do (teu) bem, eu digo a ti que ficarás satisfeito (com elas). As hostes de deuses não conhecem a minha origem, nem os grandes Ṛṣis, já que eu sou, de todas as maneiras,[39] a fonte dos deuses e dos grandes Ṛṣis. Aquele que me reconhece como o Senhor Supremo dos mundos, sem nascimento e início, (ele), não iludido entre os mortais, é livre de todos os pecados. Inteligência, conhecimento, a ausência de ilusão, perdão, verdade, autodomínio, e tranquilidade, prazer, dor, nascimento, morte, medo, e também segurança, abstenção de mal, uniformidade de mente, contentamento, austeridades ascéticas, doações, fama, infâmia, esses vários atributos das criaturas se originam de mim. Os Sete grandes Ṛṣis, os quatro Maharṣis antes (deles), e os Manus, participando da minha natureza, nasceram da minha mente, da qual neste mundo esses são produtos. Aquele que conhece realmente essa preeminência e poder místico meus se torna possuidor de devoção inabalável. Disso não (há) dúvida. Eu sou a origem de todas as coisas, de mim todas as coisas procedem. Pensando assim, os sábios, dotados da minha natureza, me veneram. Seus corações em mim, suas vidas dedicadas a mim, instruindo uns aos outros, e glorificando a mim eles estão sempre contentes e felizes. A eles sempre devotados, e reverenciando (a mim) com amor, eu dou aquela devoção na forma de conhecimento pelo qual eles vêm a mim. Deles, por compaixão, eu destruo a escuridão nascida da ignorância, pela lâmpada brilhante do conhecimento, (eu mesmo) residindo em suas almas.'

"Arjuna disse, 'Tu és o Brahma Supremo, a Residência Suprema, o mais Santo dos Santos, o eterno Ser Masculino Divino, o Primeiro dos deuses, Não Nascido, o Senhor. Todos os Ṛṣis te proclamam dessa maneira, e também o Ṛṣi celeste Nārada; e Asita, Devala, (e) Vyāsa; tu mesmo também me falaste (assim). Tudo isso que tu me disseste, ó Keśava, eu considero verdadeiro visto que, ó Santo, nem os deuses nem os Dānavas compreendem a tua manifestação. Tu somente conheces a ti mesmo por ti mesmo, ó Melhor dos Seres Masculinos. Ó Criador de todas as coisas; ó Senhor de todas as coisas, ó Deus dos deuses, ó Senhor do Universo, cabe a ti declarar sem qualquer

[39] Isto é, como criador, como guia, etc.

reserva aquelas tuas perfeições divinas pelas quais tu permaneces permeando estes mundos. Como, sempre meditando, eu te conhecerei, ó tu de poder místico, em que estados específicos tu podes, ó Santo, ser meditado por mim?[40] Declara novamente, ó Janārdana, abundantemente os teus poderes místicos e as (tuas) perfeições, pois eu nunca fico saciado de ouvir as tuas palavras como néctar."

"O Santo disse, 'Bem, para ti eu declararei as minhas perfeições divinas, por meio das principais (entre elas), ó chefe dos Kurus, pois não há fim para a extensão das minhas (perfeições). Eu sou a alma, ó tu de cabelo ondulado, situada no coração de todos os seres, eu sou o início, e o meio, e também o fim de todos os seres. Eu sou Viṣṇu entre os Ādityas,[41] o Sol resplandecente entre todos os corpos luminosos; eu sou Marīci entre os Maruts,[42] e a Lua entre constelações. Eu sou o Sāma Veda entre os Vedas; eu sou Vāsava entre os deuses; eu sou a mente entre os sentidos; eu sou o intelecto nos seres (viventes). Eu sou Śaṃkara entre os Rudras,[43] o Senhor dos tesouros (Kuvera) entre os Yakṣas e os Rākṣasas; eu sou Pāvaka entre os Vasus,[44] e Meru entre as (montanhas) de picos. Conhece-me, ó filho de Pṛthā, como Vṛhaspati, o chefe dos sacerdotes familiares. Eu sou Skanda entre os comandantes de exércitos. Eu sou o Oceano entre os receptáculos de água. Eu sou Bhṛigu entre os grandes Ṛṣis, eu sou a Única, indestrutível (sílaba Om) entre as palavras. Dos sacrifícios eu sou o sacrifício Japa.[45] Dos imóveis eu sou o Himavat. Eu sou a figueira entre todas as árvores, eu sou Nārada entre os Ṛṣis celestes. Eu sou Citraratha entre os Gandharvas e o asceta Kapila entre os ascetas coroados com êxito em Yoga. Sabe que eu sou Uccaiḥśravas entre os cavalos, gerado pelo (batimento por) néctar, Airāvata entre os elefantes principescos, e o rei entre os homens. Entre as armas eu sou o raio, entre as vacas eu sou (aquela chamada) Kāmadhuk.[46] Eu sou Kandarpa a causa da reprodução,[47] eu sou Vāsuki entre as serpentes. Eu sou Ananta entre os Nāgas, eu sou Varuṇa entre seres aquáticos, eu sou Aryaman entre os Pitṛs, e Yama entre aqueles que julgam e punem. Eu sou Prahlāda entre os Daityas, e o Tempo entre as coisas que contam. Eu sou o leão entre os animais, e o filho de Vinatā entre as criaturas aladas. Dos purificadores eu sou o vento. Eu sou Rāma (o filho de Daśaratha) entre os manejadores de armas. Eu sou o Makara entre os peixes, e eu sou Jāhnavī (Ganges) entre os rios.[48] Das coisas criadas eu sou o início e o fim e também o meio, ó Arjuna. Eu sou o conhecimento do Espírito Supremo entre todos os tipos de conhecimento, e a disputa entre os disputadores. Entre todas as letras eu a letra A, e (o composto chamado) Dvanda entre todos os compostos. Eu sou também o Tempo Eterno, e eu sou o Ordenador com face virada para todos os lados. Eu sou a Morte que apanha

---

[40] Conhecer-te completamente é impossível. Em que formas ou manifestações específicas, portanto, eu devo pensar em ti?
[41] Divindades solares, doze em número, correspondentes aos doze meses do ano.
[42] Deuses do vento, cujo chefe é Marīci.
[43] Uma classe de deuses destrutivos, onze em número.
[44] Uma classe inferior de divindades, oito em número.
[45] Sacrifício por meditação o qual é superior a todos os sacrifícios.
[46] A vaca realizadora de desejos chamada Surabhi.
[47] Isto é, eu não sou a mera paixão carnal, mas aquela paixão que procria ou é coroada com fruto.
[48] Ganga é chamada de Jāhnavī porque ela foi, depois de ter sido esvaziada, libertada pelo asceta Jahnu através de seu joelho.

todos, e a fonte de tudo o que existirá. Entre as mulheres, eu sou a Fama, Fortuna, Palavra, Memória, Inteligência, Constância, Perdão. Dos hinos Sāma, eu sou o Vṛhat-sāma[49] e a Gāyatrī entre as métricas. Dos meses, eu sou Mārgaśīrṣa (o mês do meio de Fevereiro ao meio de Março), das estações (eu sou) aquela que é produtiva de flores (primavera). Eu sou o jogo de dados daqueles que trapaceiam, e o esplendor daqueles que são esplêndidos. Eu sou a Vitória, eu sou o Esforço, eu sou a bondade dos bons. Eu sou Vāsudeva entre os Vṛṣṇis, eu sou Dhanaṃjaya [Dhanaṃjaya] entre os filhos de Pāṇḍu. Eu sou o próprio Vyāsa entre os ascetas, e Uśanas entre os videntes. Eu sou a Vara daqueles que castigam, eu sou a Política daqueles que procuram a vitória. Eu sou silêncio entre aqueles que são secretos. Eu sou o Conhecimento daqueles que são possuidores de Conhecimento. Aquilo que é a Semente de todas as coisas, eu sou aquilo, ó Arjuna. Não há nada móvel ou imóvel que possa existir sem mim. Não há fim, ó castigador de inimigos, das minhas perfeições divinas. Essa narração da extensão (daquelas) perfeições foi proferida por mim (somente) a fim de exemplificá-las. Quaisquer coisas sublimes ou gloriosas (que há), ou fortes, entende que tudo é nascido de uma porção da minha energia. Ou melhor, o que tu tens a fazer, por conheceres tudo isso em detalhes, ó Arjuna? Eu permaneço sustentando esse universo inteiro somente com uma fração (de mim mesmo)."

11. *viśvarūpadarśanayogaḥ* - A Visão da Forma Universal.

"Arjuna disse, 'Este discurso acerca do mistério supremo, chamado Adhyātman,[50] que tu proferiste para meu bem-estar, dissipou a minha ilusão. Pois eu ouvi detalhadamente de ti sobre a criação e dissolução de seres, ó tu de olhos como pétalas de lótus, e também sobre a tua grandeza que não conhece deterioração. O que ti disseste sobre ti mesmo, ó Senhor grandioso, é assim mesmo. Ó melhor dos Seres Masculinos, eu desejo contemplar a tua forma soberana. Se, ó Senhor, tu achas que eu sou qualificado para contemplar (aquela forma), então, ó Senhor de poder místico, mostra-me teu Eu eterno.'

"O Santo disse, 'Vê, ó filho de Pṛthā, as minhas formas às centenas e milhares, várias, divinas, diversas em cor e forma. Vê os Ādityas, os Vasus, os Rudras, os Aśvins, e os Maruts. Vê, ó Bhārata, inúmeras maravilhas não vistas antes (por ti). Contempla, ó tu de cabelo ondulado, o universo inteiro de móveis e imóveis reunido neste meu corpo, (e) qualquer coisa mais que tu desejes ver. Tu, no entanto, não estás apto para me contemplar com essa tua visão. Eu te dou visão divina. Vê a minha natureza mística soberana.'"

Sañjaya continuou, "Dizendo isso, ó monarca, Hari, o poderoso Senhor de poder místico, então revelou para o filho de Pṛthā sua Suprema forma soberana, com muitas bocas e olhos, muitos aspectos magníficos, muitos

[49] O melhor, porque ele leva à emancipação imediatamente.
[50] A relação entre a Alma Suprema e a alma individual.

ornamentos celestes, muitas armas celestes erguidas, usando guirlandas e mantos celestes, (e) com unguentos de fragrância celeste, cheia de todas as maravilhas, resplandecente, infinita, com faces viradas para todos os lados. Se o esplendor de mil sóis irrompesse ao mesmo tempo no céu, (então) ele seria semelhante ao esplendor daquele Poderoso. O filho de Pāṇḍu então viu lá no corpo daquele Deus dos deuses o universo inteiro dividido e subdividido em muitas partes, todas juntas. Então Dhanaṃjaya, cheio de assombro, (e) com cabelo arrepiado, reverenciando com (sua) cabeça, com mãos unidas dirigiu-se ao Deus.’

"Arjuna disse, 'Eu vejo todos os deuses, ó Deus, como também as variadas hostes de criaturas, (e) Brahman sentado em (seu) assento de lótus, e todos os Ṛṣis e as cobras celestes. Eu Te vejo com inúmeros braços, estômagos, bocas, (e) olhos, por toda parte, ó tu de formas infinitas. Nem fim nem meio, nem também teu começo eu vejo, ó Senhor do universo, ó tu de forma universal. Portando (teu) diadema, maça, e disco, uma massa de energia, brilhando intensamente por todos os lados, eu vejo a ti que és difícil de se olhar, dotado em todos os lados da refulgência do fogo ardente ou do Sol, (e) incomensurável. Tu és indestrutível, (e) o Supremo objeto desse universo. Tu és sem decadência, o protetor da virtude eterna. Eu te considero como o eterno Ser (masculino). Eu vejo que tu és sem início, meio, fim, de destreza infinita, de inúmeros braços, tendo o Sol e a Lua como teus olhos, o fogo ardente como tua boca, e aquecendo esse universo com a tua própria energia. Pois o espaço entre céu e terra é permeado por Ti somente, como também os pontos do horizonte. À visão dessa tua forma maravilhosa e aterradora, ó Alma Suprema, o mundo triplo treme. Pois estas hostes de deuses são entrando em ti. Alguns, atemorizados, estão rezando com mãos unidas. Dizendo ‘Saudações a Ti’, as hostes de grandes Ṛṣis e Siddhas Te louvam com hinos copiosos de louvor. Os Rudras, os Ādityas, os Vasus, aqueles (chamados) Siddhas, os Viśvas, os Aśvins, os Maruts, também os Ūṣmapas, os Gandharvas, os Yakṣas, os Asuras, as hostes de Siddhas, Te contemplam e estão todos assombrados. Vendo a Tua forma imensa com muitas bocas e olhos, ó poderosamente armado, com inúmeros braços, coxas e pés, muitos estômagos, (e) terrível por causa de muitas presas, todas as criaturas estão assustadas e eu também. De fato, tocando os próprios céus, de brilho resplandecente, de muitas cores, boca escancarada, com olhos que são brilhantes e grandes, contemplando a ti, ó Viṣṇu, com (minha) alma interna tremendo (apavorada), eu não posso mais dispor de coragem e paz mental. Vendo as tuas bocas que são terríveis por causa de (suas) presas, e que são ameaçadoras (como o fogo todo-destrutivo no fim do Yuga), eu não posso reconhecer os pontos do horizonte nem posso dispor de paz mental. Sê benevolente, ó Deus dos deuses, ó tu que és o refúgio do Universo. E todos esses filhos de Dhṛtarāṣṭra, junto com as hostes de reis, e Bhīṣma, e Droṇa, e também esse filho de Sūta (Karṇa), acompanhados até pelos principais guerreiros do nosso lado, estão entrando rapidamente em tuas bocas terríveis tornadas ferozes por tuas presas. Alguns, com suas cabeças esmagadas, são vistos batendo nas frestas dos (teus) dentes. Como muitas correntes de água fluindo por diferentes canais rolam rapidamente em direção ao oceano, assim esses heróis do mundo dos homens entram em tuas bocas que flamejam por toda parte. Como mariposas com velocidade crescente se precipitam para (a sua própria) destruição para o fogo

ardente, assim também (essas) pessoas, com velocidade ininterrupta, entram em tuas bocas para (a sua) destruição. Engolindo todos esses homens de todos os lados, tu os lambes com tuas bocas flamejantes. Enchendo todo o universo com (tua) energia, teus esplendores ardentes, ó Viṣṇu, estão aquecendo (tudo). Dize-me quem és tu de (tal) forma feroz. Eu me curvo a ti, ó principal dos deuses, sê benevolente para mim. Eu desejo conhecer a ti que és o Primevo, eu não compreendo a tua ação.'

O Santo disse, "Eu sou a Morte, o destruidor dos mundos, totalmente revelado. Eu estou agora empenhado em matar a raça de homens. Sem ti todos esses guerreiros permanecendo nas diferentes divisões cessarão de existir.[51] Por isso levanta, ganha renome, (e) subjugando o inimigo, desfruta (desse) reino próspero. Por mim todos esses já foram mortos. Sê somente (meu) instrumento. Ó tu que podes esticar o arco (até) com a mão esquerda. Droṇa e Bhīṣma, e Jayadratha, e Karṇa, e também outros guerreiros heroicos, (já) mortos por mim, mata. Não fica consternado, luta; tu vencerás (os teus) inimigos em batalha."

Sañjaya continuou, "Ouvindo essas palavras de Keśava, o enfeitado com diadema (Arjuna), tremendo, (e) com mãos unidas, curvou-se (a ele); e mais uma vez falou para Kṛṣṇa, com voz sufocada e dominado pelo medo, e fazendo as suas saudações (a ele).'

Arjuna disse, "É apropriado, Hṛṣīkeśa, que o universo se deleite e se encante em proferir teus louvores, e os Rākṣasas fujam com medo em todas as direções, e as hostes dos Siddhas reverenciem (a ti). E por que eles não deveriam te reverenciar, ó Alma Suprema, que és maior até do que (o próprio) Brahman, e a causa primordial? Ó tu que és Infinito, ó Deus dos deuses, ó tu que és o refúgio do universo, tu és indestrutível, tu és aquilo que é, e aquilo que não é, e aquilo que está além de (ambos). Tu és o Primeiro Deus, o antigo Ser (Masculino), tu és o amparo Supremo desse universo. Tu és o Conhecedor, tu és o Objeto a ser conhecido, tu és a residência mais elevada. Por ti é permeado esse universo, ó tu de forma infinita. Tu és Vāyu, Yama, Agni, Varuṇa, a Lua, Prajāpati, e o Avô. Homenagens sejam para ti mil vezes, e mais e mais reverências a ti. Reverências para ti em frente, e também atrás. Que reverências sejam para ti de todos os lados, ó tu que és tudo. Tu és tudo, de energia que é infinita, e destreza que é incomensurável. Tu abarcas o Todo. Considerando (a ti) um amigo, qualquer coisa que tenha sido dita por mim descuidadamente, tal como: 'Ó Kṛṣṇa, ó Yādava, ó amigo', não conhecendo essa tua grandeza por falta de bom senso ou por amor, qualquer desrespeito que tenha sido mostrado a ti para propósito de hilaridade, em ocasiões de jogo, deitado, sentado, (ou) em refeições, enquanto a sós ou na presença de outros, ó imperecível, eu rogo o teu perdão por isso, que és incomensurável. Tu és o pai desse universo de móveis e imóveis. Tu és o grande mestre digno de culto. Não há ninguém igual a ti, como poderia haver alguém maior, ó tu cujo poder é sem paralelo mesmo nos três mundos? Portanto, reverenciando (a ti) prostrando o (meu) corpo, eu peço a tua benevolência, ó Senhor, ó adorável. Cabe a ti, ó Deus, tolerar (as minhas falhas) como um pai as de (seu) filho, um amigo as de (seu) amigo, um amante as de (seu) amado. Contemplando a (tua)

[51] Isto é, mesmo que tu não lutes, todos perecerão.

forma (não vista) antes, eu tenho estado alegre, (contudo) a minha mente está perturbada pelo temor. Mostra-me aquela (outra) forma (habitual), ó Deus. Sê bondoso, ó Senhor dos deuses, ó tu que és o amparo do universo. (Enfeitado) em diadema, e (armado) com maça, disco na mão, como antes, eu desejo ver-te. Sê daquela mesma forma de quatro braços, ó tu de mil braços, tu de forma universal."

"O Santo disse, 'Satisfeito contigo, ó Arjuna, eu, por meu (próprio) poder místico, te mostrei essa forma suprema, cheia de glória, Universal, Infinita, Primeva, a qual não foi vista antes por ninguém salvo tu. Exceto por ti somente, herói da família de Kuru, eu não posso ser visto nessa forma no mundo dos homens por ninguém mais, mesmo (ajudado) pelo estudo dos Vedas e de sacrifícios, por presentes, por ações, (ou) pelas austeridades mais severas. Que nenhum receio seja teu, nem perplexidade mental ao veres essa minha forma terrível. Livre do medo com o coração alegre, vê-me novamente assumindo aquela outra forma.'"

Sañjaya continuou, "Vāsudeva, tendo dito tudo isso para Arjuna, mais uma vez mostrou (a ele) sua própria forma (habitual), e aquele de grande alma, assumindo mais uma vez (sua) forma amável, confortou a ele que estava aflito."

"Arjuna disse, 'Vendo essa tua bondosa forma humana, ó Janārdana, eu agora fiquei com a mente sã e voltei ao meu estado normal'.

"O Santo disse, 'Essa minha forma que tu viste é difícil de ser vista. Até os deuses estão sempre desejosos de se tornar observadores dessa (minha) forma. Nem pelos Vedas, nem por austeridades, nem por doações, nem por sacrifícios eu posso ser visto nessa minha forma que tu viste. Por reverência, no entanto, que é exclusiva (em seu objeto), ó Arjuna, eu posso ser conhecido nessa forma, visto realmente, e alcançado, ó castigador de inimigos. Aquele que faz tudo para mim, que tem a mim como seu objetivo supremo, que é livre de apego, que é sem inimizade para com todos os seres, ele mesmo, ó Arjuna, vem a mim.'"

12. *bhaktiyogaḥ* – União pela Devoção.

"Arjuna disse, 'Daqueles devotos que, constantemente dedicados, te adoram, e aqueles que (meditam) em ti como o Imutável e Imanifesto, quem é mais bem familiarizado com devoção?'

"O Santo disse, 'Fixando (sua) mente em mim, aqueles que constantemente me adoram, sendo dotados (além disso) da fé mais elevada, são considerados por mim como os mais devotados. Aqueles, no entanto, que veneram o Imutável, o Imanifesto, o que permeia a tudo, o Inconcebível, o Indiferente, o Imutável, o Eterno, que, reprimindo o grupo inteiro dos sentidos, são de mente igual em relação a tudo em volta e estão dedicados ao bem de todas as criaturas, (também) alcançam a mim. A dificuldade é maior para aqueles cujas

mentes são fixadas no Imanifesto; pois o caminho para o Imanifesto é difícil de ser encontrado por aqueles que estão incorporados. Aqueles (também) que, pondo toda ação em mim (e) me considerando como seu objeto mais alto (de conhecimento), me adoram, meditando em mim com devoção não dirigida a qualquer coisa mais, deles cujas mentes estão (assim) fixadas em mim, eu, sem demora, me torno o libertador do oceano (deste) mundo mortal. Fixa o teu coração em mim somente, coloca a tua mente em mim, após a morte então tu residirás em mim. Não (há) dúvida (nisso). Se, no entanto, tu és incapaz de fixar teu coração firmemente em mim, então, ó Dhanaṃjaya, esforça-te para me alcançar por devoção (resultante) de aplicação contínua. Se tu fores inadequado até para (essa) aplicação contínua, então que ações realizadas por mim sejam teu maior alvo. Realizando todas as tuas ações por minha causa, tu obterás perfeição. Se mesmo isso tu fores incapaz de fazer, então recorrendo à devoção em mim, (e) subjugando a tua alma, abandona o fruto de todas as ações. Conhecimento é superior à aplicação (em devoção); meditação é melhor do que conhecimento; o abandono do fruto da reação (é melhor) do que meditação, e a tranquilidade (resulta) imediatamente do abandono. Aquele que não tem ódio por qualquer criatura, que é amistoso e compassivo também, que é livre de egoísmo, que não tem vaidade, apego, que é igual no prazer e no dor, que é perdoador, contente, sempre devotado, de alma subjugada, de propósito firme, com coração e mente fixos em mim, ele mesmo é amado por mim. Aquele por quem o mundo não é incomodado, (e) que não é incomodado pelo mundo, que é livre de alegria, ira, medo e ansiedades, ele mesmo é amado por mim. Aquele meu devoto que é tranquilo, puro, diligente, não ligado (a objetos mundanos), e livre de angústia (mental), e que renuncia a toda ação (por resultado), ele mesmo é amado por mim. Ele que não tem alegria, nem aversão, que nem se aflige nem deseja, que renuncia ao bem e ao mal, (e) que é cheio de fé em mim, ele mesmo é amado por mim. Ele que é igual para com amigo e inimigo, como também na honra e na desonra, que é igual no frio e no calor, (e no prazer e na dor), que é livre de apego, para quem crítica e elogio são iguais, que é taciturno, que está satisfeito com qualquer coisa que aconteça (a ele), que é sem lar, de mente imperturbável e cheia de fé, esse homem é amado por mim. Aqueles que recorrem a essa equidade (que leva à) imortalidade a qual (já) foi declarada, aqueles devotos cheios de fé e que me consideram como o objeto mais elevado (de sua obtenção) são os mais queridos para mim.'"

13. *kṣetrakṣetrajñavibhāgayogaḥ* – O Campo e o Conhecedor do Campo.

"O Santo disse, 'Esse corpo, ó filho de Kuntī, é chamado de Kṣetra. Aquele que o conhece, os eruditos chamam de Kṣetrajña. Conhece-me, ó Bhārata, como Kṣetras. O conhecimento de Kṣetra e Kṣetrajña eu considero como (verdadeiro) conhecimento. O que aquele Kṣetra (é), e ao que (ele é) similar, e quais mudanças ele sofre, e de onde (ele vem), o que é ele (o Kṣetrajña), e quais são seus poderes, ouve de mim em poucas palavras. Tudo isso tem sido

cantado separadamente de muitas maneiras por Ṛṣis em vários versos, em textos bem assentados repletos de bom senso e dando indicações de Brahman. Os grandes elementos, egoísmo, intelecto, o imanifesto (isto é, Prakṛti), também os dez sentidos, o único (manas), os cinco objetos dos sentidos, desejo, aversão, prazer, dor, consciência do corpo, coragem, tudo isso em resumo é declarado como Kṣetra em sua forma modificada. Ausência de vaidade, ausência de ostentação, abstenção de ferir, perdão, retidão, devoção ao preceptor, pureza, constância, autodomínio, indiferença pelos objetos dos sentidos, ausência de egoísmo, percepção da miséria e mal de nascimento, morte, velhice e doença, liberdade de apego, ausência de afinidade por filho, esposa, casa, e o resto, e constante equanimidade de coração na obtenção de bem e mal, devoção inabalável a mim sem meditação em qualquer coisa mais, frequentação de lugares solitários, aversão por multidão de homens, constância no conhecimento da relação do ser individual com o supremo, percepção do objetivo do conhecimento da verdade,[52] tudo isso é chamado de Conhecimento; tudo aquilo que é contrário a isso é Ignorância. Aquilo que é o objeto de conhecimento eu (agora) declararei (para ti), conhecendo o qual uma pessoa obtém imortalidade. [Ele é] o Brahma Supremo que não tem início, que é citado como não sendo nem existente nem inexistente; cujas mãos e pés estão em toda parte, cujos olhos, cabeças e rostos estão em toda parte, que vive permeando tudo no mundo, que é possuidor de todas as qualidades dos sentidos (embora) desprovido de sentidos, sem ligação (contudo) sustentando todas as coisas, sem atributos (porém) desfrutando de todos os atributos;[53] fora e dentro de todas as criaturas, imóvel e móvel, não conhecível por causa de (sua) sutileza, distante porém perto, não distribuído em todos os seres, (contudo) permanecendo como se distribuído, que é o sustentador de (todos os) seres, o que absorve e cria (tudo); que é a luz de todos os corpos luminosos, que é citado como estando além de toda escuridão; que é conhecimento, o Objeto de conhecimento, o Fim do conhecimento e situado nos corações de todos. Assim Kṣetra, e o Conhecimento, e o Objeto de Conhecimento, foram declarados (para ti) em resumo. O meu devoto, sabendo (tudo) isso, torna-se uno em espírito comigo. Sabe que Natureza (Prakṛti, a matéria primordial) e Espírito (Puruṣa, o princípio ativo) são ambos sem início (e) sabe (também) que todas as modificações e todas as qualidades provêm da Natureza. A Natureza é citada como a fonte da capacidade de desfrutar de prazeres e dores. Pois o Espírito, residindo na natureza desfruta das qualidades nascidas da Natureza. A causa de seus nascimentos em úteros bons e maus é a (sua) conexão com as qualidades.[54] O Puruṣa Supremo nesse corpo é citado como o avaliador, aprovador, sustentador, desfrutador, o senhor poderoso, e também a Alma Suprema. Aquele que conhece dessa maneira Espírito, e Natureza, com as qualidades, em qualquer estado que ele possa estar, nunca nasce novamente. Alguns por meditação contemplam o eu no eu por meio do eu; outros por devoção segundo o sistema Sāṃkhya; e outros (também), por devoção através de obras. Outros ainda não conhecendo isso, veneram, ouvindo sobre isso de

[52] Que é a dissipação da ignorância e a aquisição de felicidade.

[53] Não tendo olhos, etc., porém vendo, etc., sem atributos, contudo tendo ou desfrutando de tudo o que os atributos dão.

[54] É o espírito incorporado somente que pode desfrutar das qualidades da Natureza. Então, o tipo de conexão que ele tem com aquelas qualidades determina seu nascimento em bons e maus úteros.

outros. Mesmo esses, devotados ao que é ouvido,[55] vencem a morte. Qualquer ente, imóvel ou móvel, que nasce, sabe que, ó touro da raça Bharata, é proveniente da conexão de Kṣetra e Kṣetrajña (matéria e espírito). Aquele que vê o Senhor Supremo morando igualmente em todos os seres, (vê) o Imperecível no Perecível. Pois vendo o Senhor residindo igualmente em todos os lugares, uma pessoa não destrói a si mesma por si mesma,[56] e então alcança a meta mais elevada. Vê (realmente) quem vê que todas as ações são feitas pela natureza somente de todas as maneiras e igualmente que o eu não é o fazedor. Quando alguém vê a diversidade de entidades como existinte em uma, e a emissão (de tudo) daquela (Uma), então ele é citado como tendo alcançado Brahma. Esse Ser Supremo inexaurível, ó filho de Kuntī, sendo sem início e sem atributos, não age, nem é maculado mesmo quando colocado no corpo. Como o espaço, que é onipresente, nunca é manchado, por sua sutileza, assim a alma, posicionada em todo corpo, nunca é maculada. Como o único Sol ilumina o mundo inteiro, assim o Espírito, ó Bhārata, ilumina toda (a esfera das) matérias. Aqueles que, pela visão do conhecimento, conhecem a diferença entre matéria e espírito, e a libertação da natureza de todas as entidades, alcançam o Supremo."

14. *guṇatrayavibhāgayogaḥ* – Os Três Guṇas.

"O Santo disse, 'Eu declararei (para ti) novamente aquela sublime ciência das ciências, aquela ciência excelente, conhecendo a qual todos os Munis têm alcançado a maior perfeição a partir dos (grilhões) desse corpo. Valendo-se dessa ciência, e atingindo a minha natureza, eles não renascem nem na (ocasião de) uma (nova) criação e não são perturbados na dissolução universal. O poderoso Brahma é um útero para mim. Lá eu coloco o embrião (vivente). Dali, ó Bhārata, o nascimento de todos os seres se realiza. Quaisquer formas (corpóreas), ó filho de Kuntī, que sejam nascidas em todos os úteros, delas Brahma é o útero imenso, (e) eu o Pai que dá a semente. Bondade, paixão, escuridão (ignorância), essas qualidades, nascidas da natureza, amarram, ó tu de braços fortes, a eterna [alma] incorporada no corpo. Entre essas, a Bondade, por sua natureza pura, sendo iluminadora e livre de miséria, ata (a Alma), ó impecável, com a obtenção de felicidade e de conhecimento.[57] Sabe que a Paixão, tendo desejo como sua essência, nasce da ânsia e apego. Ela, ó filho de Kuntī, ata a (alma) incorporada pelo apego à atividade. A Escuridão, no entanto, sabe, é nascida da ignorância, (e) desnorteia toda [alma] incorporada. Ela vincula, ó Bhārata, por erro, indolência, e torpor. A bondade une (a alma) com o prazer; A paixão, ó Bhārata, une com trabalho; mas a ignorância, velando o conhecimento, une com erro. Paixão e ignorância, sendo reprimidas, permanece a bondade, ó Bhārata. Paixão e bondade (sendo reprimidas), (resta) a ignorância; (e) ignorância e bondade (sendo reprimidas),

[55] As Śrutis ou doutrinas sagradas.
[56] Não fica desprovida do verdadeiro conhecimento.
[57] Felicidade e conhecimento são atributos da mente, não da alma. Por isso, quando ligados à alma, eles são como grilhões dos quais a alma deve ser libertada.

(resta) a paixão. Quando neste corpo, em todos os seus portões, a luz do conhecimento é produzida, então sabe-se que a bondade tem sido desenvolvida lá. Avareza, atividade, realização de trabalhos, falta de tranquilidade, desejo, esses, ó touro da raça Bharata, nascem quando a paixão está desenvolvida. Ignorância, inatividade, erro, e também ilusão, ó filho da família de Kuru, nascem quando a ignorância está desenvolvida. Quando o portador de um corpo vai para a dissolução enquanto a bondade está desenvolvida, então ele alcança as regiões imaculadas daqueles que conhecem o Supremo. Indo para a dissolução quando a paixão prevalece, uma pessoa nasce entre aqueles que são vinculados à atividade. Igualmente, dissolvida durante a ignorância, uma pessoa nasce em úteros que geram os ignorantes. O resultado da boa ação é citado como bom e imaculado. O resultado, no entanto, da paixão, é tristeza; (e) o fruto da Escuridão é ignorância. Da bondade é produzido o conhecimento; da paixão, avareza; (e) da escuridão são erro e ilusão, e também ignorância. Aqueles que vivem em bondade vão para o alto; aqueles que são afeitos à paixão vivem no meio; (enquanto) aqueles que são da escuridão, sendo afeitos à qualidade mais baixa, descem. Quando um observador reconhece que ninguém mais é um agente exceto as qualidades, e conhece aquilo que está além (das qualidades), ele alcança a minha natureza. A [alma] incorporada, por transcender essas três qualidades que constituem a fonte de todos os corpos, desfruta de imortalidade, sendo livre de nascimento, morte, velhice, e miséria’.

"Arjuna disse, 'Quais são as indicações, ó Senhor, de alguém que transcendeu estas três qualidades? Qual é sua conduta? Como também alguém transcende estas três qualidades?’

"O Santo disse, 'Aquele que não tem aversão por conhecimento, atividade, e mesmo ilusão (que são as três qualidades como indicadas por seus efeitos), ó filho de Pāṇḍu, quando eles estão presentes, nem os deseja quando eles estão ausentes, que, assentado como alguém indiferente, não é agitado por aquelas qualidades; que está em posição fixa e não se altera, pensando que são as qualidades (e não ele) que estão engajadas (em suas respectivas funções); para quem prazer e dor são iguais, que é independente, e para quem um torrão de terra, uma pedra, e ouro são iguais; para quem o agradável e o desagradável são o mesmo; que tem discernimento; para quem crítica e elogio são o mesmo; para quem honra e desonra são o mesmo; que considera amigo e inimigo igualmente; que renunciou a todo esforço, é citado como tendo transcendido as qualidades. Aquele também que venera a Mim com devoção exclusiva, ele, transcendendo aquelas qualidades, torna-se apto para admissão na natureza de Brahma. Pois eu sou o esteio de Brahma, da imortalidade, da indestrutibilidade, da piedade eterna, e da bem-aventurança ininterrupta.'”

15. *puruṣottamayogaḥ* – O Espírito Supremo.

"O Santo disse, 'Eles dizem que a Aśvattha, tendo suas raízes acima e ramos abaixo, é eterna, sua folhas são os Chandas. Aquele que a conhece, conhece os Vedas.[58] Para baixo e para cima[59] estão esticados os seus ramos que são aumentados pelas qualidades;[60] seus brotos são os objetos dos sentidos.[61] Para baixo suas raízes,[62] que levam à ação, estão estendidas para esse mundo de homens. Sua forma não pode aqui (na terra) ser assim conhecida, nem (seu) fim, nem (seu) início, nem (seu) suporte. Cortando, com a arma firme do desinteresse, essa Aśvattha de raízes firmemente fixadas, uma pessoa deve então procurar por aquele local se dirigindo ao qual não se retorna outra vez (pensando): 'Eu procurarei a proteção daquele Senhor Primevo de quem o antigo curso de vida (mundana) fluiu'. Aqueles que são livres de orgulho e ilusão, que subjugaram o mal do apego, que são firmes na contemplação da relação do Supremo com o ser individual, de quem o desejo se apartou, livres dos pares de opostos conhecidos pelos nomes de prazer e dor (e semelhantes), dirigem-se, sem ilusão, àquela base eterna. O sol não ilumina aquela [base], nem a lua, nem o fogo. Indo para lá ninguém retorna, aquela é a minha base suprema. Uma porção eterna de Mim é aquela que, tornando-se uma alma individual no mundo de vida, atrai para si mesma os (cinco) sentidos com a mente como o sexto os quais dependem todos da natureza. Quando o soberano (dessa moldura corpórea) assume ou abandona (um) corpo, ele parte levando embora esses, como o vento (levando) perfumes de seus lugares. Presidindo o ouvido, o olho, (os órgãos de) tato, paladar e olfato, e também a mente, ele desfruta de todos os objetos dos sentidos. Aqueles que estão iludidos não vêem (a ele) quando abandonando ou habitando (o corpo), quando desfrutando ou unidos às qualidades.[63] Aqueles (no entanto) que têm a visão do conhecimento o vêem. Devotos se esforçando (em direção àquele fim) o vêem residindo neles mesmos. Aqueles (no entanto) que são insensatos e cujas mentes não são controladas, não o vêem, mesmo enquanto (eles mesmos) se esforçando. Aquele esplendor residindo no sol o qual ilumina o universo vasto, aquele (que se encontra) na lua, e aquele (que se encontra) no fogo, sabe que aquele esplendor é meu. Entrando na terra eu sustenho as criaturas por minha força; e tornando-me a lua suculenta (Soma) eu nutro todas as ervas. Eu mesmo tornando-me o calor vital (Vaiśvānara) residindo nos corpos das criaturas que respiram, (e) unindo-me com os ares vitais ascendentes e descendentes, eu digiro os quatro tipos de alimento.[64] Eu estou situado nos corações de todos. Provenientes de Mim são memória e conhecimento e a perda de ambos. Eu sou os objetos de conhecimento a serem conhecidos por meio (da ajuda de) todos os Vedas. Eu sou o autor dos

---

[58] A 'Aśvattha' é a sagrada figueira indiana, aqui emblemática do curso de vida mundana. Suas raízes estão acima; aquelas raízes são o Ser Supremo. Seus ramos estão abaixo, esses sendo as divindades inferiores. Suas folhas são os hinos sagrados dos Vedas, isto é, as folhas mantêm a árvore viva e conduzem aos seus frutos, assim os Vedas sustentam essa árvore e levam à salvação.

[59] Das mais elevadas às mais baixas das coisas criadas.

[60] As qualidades aparecendo como o corpo, os sentidos, etc.

[61] Sendo ligados aos próprios sentidos como brotos aos ramos.

[62] Os desejos por diversos prazeres.

[63] Isto é, quando percebendo objetos dos sentidos ou sentindo prazer e dor.

[64] Que são: aquele que é mastigado, aquele que é sugado, aquele que é lambido, e aquele que é bebido.

Vedāntas, e somente Eu sou o conhecedor dos Vedas. Há estas duas existências no mundo, isto é, a mutável e a imutável. A mutável é todas (estas) criaturas. A permanente é chamada de imutável. Mas há outra, o Ser Supremo, chamado Paramātman, que é o Senhor Eterno, que permeia os três mundos, os sustém (e,) visto que eu transcendo o mutável, e estou acima até do imutável; por isso eu sou celebrado no mundo (entre os homens) e no Veda como Puruṣottama (o Ser mais Elevado). Aquele que, sem ser iludido, me conhece como esse Ser mais elevado, ele, sabendo tudo, ó Bhārata, me adora de todas as maneiras. Assim, ó impecável, esse conhecimento, formando o maior dos mistérios, foi declarado por Mim (para ti). Conhecendo isso, ó Bhārata, uma pessoa se tornará dotada de inteligência, e terá feito tudo o que ela precisa fazer.'"

16. *daivāsurasaṃpadvibhāgayogaḥ* – Discernimento entre o Divino e o Demoníaco.

"O Santo disse, 'Destemor, pureza de coração, perseverança na (busca de) conhecimento e meditação Yoga, doações, autodomínio, sacrifício, estudo dos Vedas, penitências ascéticas, retidão, abstenção de ferir, veracidade, abstenção de raiva, renúncia, tranquilidade, abstenção de relatar as imperfeições de outros, compaixão por todas as criaturas, ausência de cobiça, bondade, modéstia, ausência de inquietação, energia, perdão, firmeza, limpeza, ausência de vontade de disputar ou discutir, ausência de vaidade, esses se tornam daquele, ó Bhārata, que é nascido para posses divinas. Hipocrisia, orgulho, presunção, cólera, rudeza e ignorância, são, ó filho de Pṛthā, dele que é nascido para posses demoníacas. Posses divinas são consideradas para libertação; as demoníacas para escravidão. Não te aflijas, ó filho de Pāṇḍu, pois tu és nascido para posses divinas. (Há) dois tipos de seres criados neste mundo, isto é, os divinos e os demoníacos. O divinos foram descritos detalhadamente. Ouve agora, de mim, ó filho de Pṛthā, acerca dos demoníacos. Pessoas de natureza demoníaca não conhecem inclinação (para ações corretas) nem aversão (por todas as ações injustas). Nem pureza, nem boa conduta, nem veracidade existem neles. Eles dizem que o universo é desprovido de verdade, de princípio guia, (e) de soberano; produzido pela união de um com o outro (macho e fêmea) por luxúria, e nada mais. Sujeitos a esse ponto de vista, esses homens perdidos, de pouca inteligência, e feitos violentos, esses inimigos (do mundo), nascem para a destruição do universo. Nutrindo desejos que são insaciáveis, e dotados de hipocrisia, presunção e tolice, eles adotam falsas noções por ilusão e se engajam em práticas profanas. Nutrindo pensamentos ilimitados limitados (somente) pela morte, e considerando o desfrute de (seus) desejos como o maior objetivo, eles estão convencidos de que isso é tudo. Presos pelas centenas de laços da esperança, viciados em luxúria e raiva, eles cobiçam obter esta riqueza hoje, 'Isto eu obterei mais tarde', 'Esta riqueza eu tenho', 'Esta (riqueza) será minha além do mais', 'Este inimigo foi morto por mim', 'Eu matarei outros', 'Eu sou o senhor', 'Eu sou o desfrutador', 'Eu sou bem sucedido, poderoso, feliz', 'Eu sou rico e de

nascimento nobre’, ‘Quem mais há que é como eu?’, ‘Eu sacrificarei’, ‘Eu farei doações’, ‘Eu serei alegre’, assim iludidos pela ignorância, jogados de lá para cá por numerosos pensamentos, envolvidos nas redes da ilusão, apegados ao desfrute de objetos de desejo, eles afundam no inferno hediondo. Presunçosos, teimosos, cheios de orgulho, e excitação de riqueza, eles realizam sacrifícios que são nominalmente assim, com hipocrisia e contra a ordenança (prescrita). Ligados à vaidade, poder, orgulho, luxúria e ira, esses difamadores odeiam a Mim em seus próprios corpos e naqueles de outros. Esses que têm ódio (de Mim), cruéis, os mais vis entre os homens, e pecaminosos, eu lanço continuamente para baixo em úteros demoníacos. Entrando em úteros demoníacos, iludidos nascimento após nascimento, eles, ó filho de Kuntī, sem alcançarem a Mim descem ao estado mais vil. Triplo é o caminho para o inferno, desastroso para o ser, isto é, luxúria, ira, e avareza igualmente. Portanto, esses três uma pessoa deve abandonar. Livre desses três portões da escuridão, um homem, ó filho de Kuntī, realiza o seu próprio bem-estar, e então se dirige para a sua meta mais elevada. Aquele que, abandonando as ordenanças das escrituras, age somente sob os impulsos do desejo, nunca alcança a perfeição, nem a felicidade, nem a meta mais sublime. Portanto, as escrituras devem ser a tua autoridade em determinar o que deve ser feito e o que não deve ser feito. Cabe a ti trabalhar aqui, tendo averiguado o que é declarado pelas ordenanças das escrituras.'"

17. *śraddhātrayavibhāgayogaḥ* – Os Três Tipos de Fé.

"Arjuna disse, 'Qual é o estado, ó Kṛṣṇa, daqueles que, abandonando a ordenança das escrituras, realizam sacrifícios dotados de fé? Ele é da Bondade, ou Paixão, ou Ignorância?'

"O Santo disse, 'A fé das (criaturas) incorporadas é de três tipos. Ela é (também) nascida de suas qualidades (individuais). Ela é boa, passional, e tenebrosa. Ouve-as agora. A fé de uma pessoa, ó Bhārata, é correspondente à sua própria natureza. Um ser aqui é cheio de fé; e qualquer que seja a fé de uma pessoa, ela é exatamente aquilo. Aqueles que são da qualidade de bondade cultuam os deuses; aqueles que são da qualidade de paixão (cultuam) os Yakṣas e os Rākṣasas; outras pessoas que são da qualidade de ignorância adoram os espíritos mortos e hostes de Bhūtas. Aquelas pessoas que praticam austeridades ascéticas rígidas não ordenadas pelas escrituras, são entregues a hipocrisia e orgulho, e dotadas de desejo de ligação, e violência, aquelas pessoas que não possuem discernimento, torturando os grupos de órgãos em (seus) corpos e a Mim também situado dentro (daqueles) corpos, devem ser reconhecidas como sendo de resoluções demoníacas. Alimento o qual é precioso para todos é de três tipos. Sacrifício, penitência, e doações são igualmente (de três tipos). Escuta as suas distinções como se segue. Aqueles tipos de alimento que aumentam o período de vida, energia, força, saúde, bem-estar, e alegria, que são saborosos, oleaginosos, nutritivos, e agradáveis, são apreciados por Deus. Aqueles tipos de alimento que são

amargos, azedos, salgados, quentes demais, acres, secos, e ardentes, e que produzem dor, aflição e doença, são desejados pelos passionais. O alimento que é frio, sem sabor, mal cheiroso e estragado, e que é refugo, e sujo, é querido por homens de ignorância. É bom aquele sacrifício que, sendo prescrito pela ordenança, é realizado por pessoas sem qualquer desejo pelo resultado (dele) e a mente sendo induzida (a ele sob a crença de) que a sua realização é um dever. Mas aquele que é realizado na expectativa de resultado e até por ostentação, sabe que aquele sacrifício, ó principal dos filhos de Bharata, é da qualidade de paixão. Aquele sacrifício que é contra a ordenança, no qual nenhum alimento é distribuído, que é desprovido de mantras (versos sagrados), no qual nenhuma taxa é paga aos brâmanes que auxiliam nele, e que é desprovido de fé, é citado como sendo da qualidade de ignorância. Reverência aos deuses, regenerados, preceptores, e homens de conhecimento, pureza, retidão, as práticas de um Brahmacārin, e abstenção de ferir são citados como constituindo a penitência do corpo. A fala que não causa agitação, que é verdadeira, que é agradável e benéfica, e o estudo diligente dos Vedas, são citados como a penitência da fala. Serenidade da mente, gentileza, taciturnidade, autodomínio, e pureza de disposição, esses são citados como a penitência da mente. Aquela penitência tripla realizada com fé perfeita, por homens sem desejo de resultados, e com devoção, é citada como da qualidade de bondade. Aquela penitência que é realizada para (ganhar) respeito, honra, e reverência, com hipocrisia, (e) que é instável e transitória é citada como da qualidade de paixão. Aquela penitência que é realizada sob uma convicção iludida, com tortura de si mesmo, e para a destruição de outro, é citada como da qualidade de ignorância. Aquela doação que é dada porque ela deve ser dada, para alguém que não pode retornar algum serviço por ela, em um momento apropriado, e para uma pessoa apropriada, é citada como da qualidade de bondade. Aquela, no entanto, que é dada relutantemente, por retorno de serviços (passados ou esperados), ou mesmo na expectativa de resultado, aquela doação é citada como da qualidade de paixão. Em um lugar inadequado e em um momento inapropriado, a doação que é feita para um objeto indigno, sem respeito, e com desprezo, é citada como da qualidade de ignorância. OM, TAT, SAT, essa é mencionada como a designação tripla de Brahma. Por aquele (Brahma), os Brāhmaṇas e os Vedas, e os Sacrifícios foram ordenados antigamente. Portanto, proferindo a sílaba OM, os sacrifícios, doações, e penitências prescritas pela ordenança, de todos os proferidores de Brahma começam. Proferindo TAT, os vários ritos de sacrifício, penitência, e doação, sem expectativa de resultados, são realizados por aqueles que estão desejosos de libertação. SAT é empregada para denotar existência e bondade. Igualmente, ó filho de Pṛthā, a palavra SAT é usada em qualquer ato auspicioso. Constância em sacrifícios, em penitências e em doações, é também chamada SAT, e uma ação, também, por causa d'Aquilo é chamada SAT.[65] Qualquer oblação que seja oferecida (ao fogo), o que quer que seja doado, qualquer penitência que seja realizada, o que quer que seja feito, sem fé, é, ó filho de Pṛthā, citado como o oposto de SAT; e isso é nada neste mundo e após a morte.'"

[65] Como as palavras OM, TAT, e SAT denotam Brahma, quando usadas como instruído aqui, tal uso cura os defeitos das respectivas ações às quais elas são aplicadas.

18. *mokṣasaṃnyāsayogaḥ* – A Libertação pela Renúncia.

"Arjuna disse, 'Da renúncia, ó tu de braços fortes, eu desejo saber a natureza verdadeira, e também do abandono, ó senhor dos sentidos, claramente, ó matador de Kesi'.

"O Santo disse, 'A rejeição das atividades com desejo é conhecida pelos eruditos como renúncia. O abandono do resultado de todas as atividades os discernentes chamam de abandono. Alguns homens sábios dizem que a (própria) atividade deve ser abandonada como mal; outros (dizem) que atividades de sacrifício, doações, e penitência não devem ser abandonadas. Quanto àquele abandono, escuta a minha decisão, ó melhor dos filhos de Bharata, pois o abandono, ó tigre entre homens, é declarado como sendo de três tipos. Os trabalhos de sacrifício, doações, e penitências não devem ser abandonados. Eles devem, de fato, ser feitos. Sacrifícios, doações, e penitências são as purificações dos sábios. Mas mesmo aqueles trabalhos devem ser feitos abandonando apego e resultado. Essa, ó filho de Pṛthā, é a minha opinião excelente e decidida. A renúncia de uma ação prescrita (nas escrituras) não é apropriada. Seu abandono (é) por ilusão, (e) é (portanto,) declarado como sendo da qualidade de ignorância. (Considerando-o) como (uma fonte de) tristeza, quando o trabalho é abandonado por (medo de) dor corpórea, a pessoa que faz tal abandono o qual é da qualidade de paixão nunca obtém o fruto do abandono. (Considerando-o) como algo que deve ser feito, quando o trabalho que é prescrito (nas escrituras) é feito, ó Arjuna, abandonando apego e resultado também, aquele abandono é considerado como da qualidade de bondade. Possuidor de inteligência e com dúvidas dissipadas, um renunciante que é dotado da qualidade de bondade não tem aversão por uma ação desagradável e nenhuma atração pelas agradáveis. Já que as ações não podem ser absolutamente abandonadas por um ser incorporado, (portanto) aquele que abandona o resultado das ações é verdadeiramente considerado um renunciante. Ação má, boa e mesclada tem (esse) resultado triplo após a morte para aqueles que não abandonam. Mas não há nenhum de qualquer tipo para o renunciante. Ouve-me, ó tu de armas poderosas, àquelas cinco causas para a conclusão de todas as ações, declaradas no Sāṃkhya que trata da aniquilação das ações. (Elas são) substrato, agente, as diversas espécies de órgãos, os diversos esforços separadamente, e com eles as divindades como a quinta.[66] Com corpo, fala, ou mente, qualquer atividade, justa ou não, que um homem empreenda, essas cinco são suas causas. Isso sendo assim, aquele que, devido a uma compreensão não refinada, vê somente a si mesmo como o agente, ele, de mente obtusa, não vê. Aquele que não tem sentimento de egoísmo,[67] cuja mente não é maculada,[68] ele, mesmo matando todas essas pessoas, não mata, nem é agrilhoado (pela ação). O conhecimento, o objeto de conhecimento, e o conhecedor formam o triplo impulso da ação. Instrumento, ação, e agente

---

[66] O substrato é o corpo. O agente é a pessoa que pensa que ela mesma é o ator. Os órgãos são aqueles de percepção etc. Os esforços são as ações dos ares vitais, Prāṇa, etc. As divindades são aquelas que presidem sobre a visão e os outros sentidos.
[67] Que não se considera como o fazedor.
[68] Pela mancha do desejo de resultado.

formam o complemento triplo da ação. Conhecimento, ação, e agente são declarados na enumeração de qualidades[69] como sendo triplos, de acordo com a diferença de qualidades. Escuta isso também devidamente. Aquele pelo qual Uma Essência Eterna é vista em todas as coisas, indivisa no dividido, sabe que aquele é o conhecimento que tem a qualidade de bondade. Aquele conhecimento que discerne todas as coisas como diversas essências de diferentes tipos por sua separatividade, sabe que aquele conhecimento tem a qualidade de paixão. Mas aquele o qual é ligado a (cada) objeto único como se ele fosse o todo, o qual é sem bom senso, sem verdade, e desprezível, aquele conhecimento é citado como da qualidade de ignorância. A ação que é prescrita (pelas escrituras), (feita) sem apego, realizada sem desejos e sem aversão, por alguém que não anseia por (seu) resultado, é citado como sendo da qualidade de bondade. Mas aquela ação que é feita por alguém procurando objetos de desejo, ou por alguém cheio de egoísmo, e que é acompanhada por grande incômodo, é citada como da qualidade de paixão. Aquela ação que é empreendida por ilusão, sem consideração pelas consequências, perda, dano (para outros), e (pelo próprio) poder também, é citada como da qualidade de ignorância. O agente que é livre de apego, que nunca fala dele mesmo, que é dotado de constância e energia, e é inalterado por sucesso e derrota, é mencionado como sendo da qualidade de bondade. O agente que é cheios de afeições, que deseja o resultado das ações, que é cobiçoso, dotado de crueldade, e impuro, e que sente alegria e tristeza, é declarado como da qualidade de paixão. O agente que é desprovido de aplicação, sem discernimento, teimoso, enganador, malicioso, indolente, desanimado, e procrastinador, é citado como da qualidade de ignorância. Ouve agora, ó Dhanaṃjaya, a divisão tripla do intelecto e da constância, segundo as suas qualidades, as quais eu estou prestes a declarar exaustivamente e claramente. O intelecto que conhece ação e inação, o que deve ser feito e o que não deve ser feito, medo e destemor, escravidão e libertação, é, ó filho de Pṛthā, da qualidade de bondade. O intelecto pelo qual uma pessoa discerne imperfeitamente certo e errado, aquilo que deve ser feito e aquilo que não deve ser feito, é, ó filho de Pṛthā, da qualidade de paixão. Aquele intelecto que, coberto pela escuridão, considera errado como certo, e todas as coisas como invertidas, é, ó filho de Pṛthā, da qualidade de ignorância. Aquela constância inabalável pela qual uma pessoa controla as funções da mente, os ares vitais, e os sentidos, através da devoção, aquela constância, é, ó filho de Pṛthā, da qualidade de bondade. Mas aquela constância, ó Arjuna, pela qual alguém adere à religião, desejo, e lucro, por apego, desejando o resultado, aquela constância, ó filho de Pṛthā, é da qualidade de paixão. Aquela pela qual uma pessoa sem discernimento não abandona torpor, medo, tristeza, desânimo, e tolice, aquela constância é considerada da qualidade de ignorância. Ouve agora de mim, ó touro da raça Bharata, sobre os três tipos de felicidade. Aquela na qual alguém encontra satisfação da repetição (do prazer), a qual traz um fim à dor, que é como veneno no princípio, mas parece néctar no fim, aquela felicidade nascida da serenidade produzida pelo autoconhecimento, é citada como sendo da qualidade de bondade. Aquela que é proveniente do contato dos sentidos com seus objetos, a qual parece néctar primeiro, mas é como veneno no fim, aquela felicidade é considerada da qualidade de paixão.

[69] No sistema Sāṃkhya.

Aquela felicidade a qual no início e em suas consequências ilude a alma, e surge do torpor, indolência, e estupidez, é descrita como da qualidade de ignorância. Não há, nem na terra nem no céu entre os deuses, a entidade que está livre dessas três qualidades nascidas da natureza. Os deveres de brâmanes, kṣatriyas, e vaiśyas, e de śūdras também, ó castigador de inimigos, são distinguidos por (essas três) qualidades nascidas da natureza. Tranquilidade, autodomínio, austeridades ascéticas, pureza, perdão, retidão, conhecimento, experiência, e fé (na existência futura), são os deveres dos brâmanes, nascidos da (própria) natureza (deles). Coragem, energia, firmeza, habilidade, não fugir da batalha, generosidade, a conduta de um soberano, esses são os deveres dos kṣatriyas, nascidos de (sua própria) natureza. Agricultura, criação de gado, e comércio, são os deveres naturais dos vaiśyas. Dos śūdras também, o dever natural consiste em servidão. Todo homem, dedicado aos seus próprios deveres, alcança a perfeição. Ouve agora como alguém obtém perfeição por aplicação aos seus deveres. Ele de quem são os movimentos de todos os seres, Ele por quem tudo isso é permeado, reverenciando a Ele (pelo cumprimento) do próprio dever, uma pessoa obtém perfeição. Melhor é o próprio dever embora realizado imperfeitamente do que o dever de outro bem realizado. Realizando o dever prescrito por (sua própria) natureza, uma pessoa não incorre em pecado. Não se deve abandonar, ó filho de Kuntī, o próprio dever natural embora maculado pelo mal, pois todas as ações estão envolvidas pelo mal como fogo por fumaça. Aquele cuja mente é livre em todos os lugares, que subjugou sua personalidade, e cujo desejo pereceu, obtém, através da renúncia, a perfeição suprema da liberdade de atividade. Aprende de mim, somente em resumo, ó filho de Kuntī, como uma pessoa, tendo obtido (esse tipo de) perfeição, alcança Brahma que é o fim supremo do conhecimento. Dotado de uma mente pura, e controlando a si mesmo pela constância, renunciando ao som e outros objetos dos sentidos, e abandonando afeição e aversão, aquele que reside em um lugar solitário, come pouco, e controla a fala, corpo, e mente, que está sempre concentrado em meditação e abstração, que recorreu à indiferença, que, abandonando egoísmo, violência, orgulho, luxúria, ira, e (todos os) circundantes, está livre de egoísmo e é tranquilo (em mente), torna-se apto para assimilação com Brahma. Tornando-se una com Brahma, tranquila em espírito, (tal) pessoa não se aflige, não deseja; igual para com todos os seres, ela obtém a maior devoção por Mim. Por (aquela) devoção ela realmente compreende a Mim. O que Eu sou, e quem Eu sou; então me compreendendo realmente, ela entra em Mim em seguida. Realizando todas as ações em todos os momentos tendo se refugiado em Mim, ela alcança, por meu favor, a base que é eterna e imperecível. Dedicando em teu coração todas as ações a Mim, sendo devotado a Mim, recorrendo à abstração mental, fixa os teus pensamentos constantemente em Mim. Fixando os teus pensamentos em Mim, tu superarás todas as dificuldades por minha graça. Mas se por presunção tu não escutares, tu (então) perecerás totalmente. Se, recorrendo à presunção, tu pensares 'Não lutarei', aquela tua resolução será inútil, (pois) a Natureza te obrigará. Aquilo que, por ilusão, tu não desejares fazer, tu farás involuntariamente, obrigado pelo teu próprio dever que nasce da (tua própria) natureza. O Senhor, ó Arjuna, mora na região do coração dos seres, girando todos os seres como se colocados sobre uma máquina, por seu poder ilusório. Procura abrigo com Ele de todas as maneiras, ó Bhārata. Por sua graça tu obterás tranquilidade

suprema, a base eterna. Assim foi declarado a ti por Mim o conhecimento que é mais misterioso do que qualquer (outro) assunto. Refletindo sobre isso detalhadamente, age como tu quiseres. Mais uma vez, escuta as minhas palavras sublimes, as mais misteriosas de todas. Tu és muitíssimo amado por Mim, portanto, eu declararei o que é para teu benefício. Fixa o teu coração em Mim, torna-te Meu devoto, sacrifica para Mim, reverencia a Mim. Então tu virás a Mim. Eu te declaro verdadeiramente, (pois) tu és querido para Mim. Abandonando todos os deveres (religiosos), vem a Mim como teu único refúgio. Eu te libertarei de todos os pecados. Não te aflijas. Isso nunca deve ser revelado por ti para alguém que não pratica austeridades, para alguém que não é um devoto, para alguém que nunca serviu um preceptor, nem ainda para alguém que calunia a Mim. Aquele que inculcar esse mistério supremo àqueles que são devotados a Mim, oferecendo-me a devoção mais sublime, virá a Mim, livre de (todas as suas) dúvidas. Entre os homens não há ninguém que possa me fazer um serviço mais precioso do que ele, nem algum outro sobre a terra será mais estimado por Mim do que ele. E aquele que estudar essa santa conversa entre nós, por ele será oferecido a Mim o sacrifício de conhecimento. Tal é a minha opinião. Mesmo o homem que, com fé e sem contestar capciosamente, a ouvir (ler), ele mesmo, livre (do renascimento), alcançará as regiões abençoadas daqueles que realizam ações virtuosas. Isso, ó filho de Pṛthā, foi ouvido por ti com mente não dirigida para quaisquer outros objetos? Tua ilusão, (causada) pela ignorância, foi destruída, ó Dhanaṃjaya?'

"Arjuna disse, 'A minha ilusão foi destruída, e a recordação (do que eu sou) foi obtida por mim, ó Imperecível, por tua graça. Eu agora estou decidido. As minhas dúvidas foram dissipadas. Eu farei o que tu dizes.'"

Sañjaya continuou, "Assim eu ouvi essa conversa entre Vāsudeva e o filho de grande alma de Pṛthā, (que é) maravilhosa e faz os cabelos se arrepiarem. Pela bênção de Vyāsa eu ouvi esse mistério supremo, essa (doutrina do) Yoga, do próprio Kṛṣṇa, o Senhor do Yoga, que o declarou pessoalmente. Ó rei, lembrando e (re)lembrando daquela conversa magnífica (e) sagrada de Keśava e Arjuna, eu me regozijo repetidamente. Lembrando repetidas vezes daquela forma extraordinária também de Hari, grande é o meu assombro, ó rei, e eu me regozijo sempre mais. Lá onde Kṛṣṇa, o Senhor do Yoga (está), lá onde o grande arqueiro (Pārtha) está, lá, na minha opinião, se encontram prosperidade, e vitória, e grandeza, e justiça eterna.'"

Fim.